UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

MARISA DE MELLO LUVIELMO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CINEMA E BIOPODER: UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL.

Rio Grande

2011

MARISA DE MELLO LUVIELMO

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CINEMA E BIOPODER: UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL.

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Orientadora: Prof. Drª. Paula Corrêa Henning

Rio Grande, 2011

L976e Luvielmo, Marisa de Mello
Educação ambiental, cinema e biopoder: uma discussão possível / Marisa de Mello Luvielmo; orientadora Profª. Drª. Paula Corrêa Henning. Rio Grande : FURG, 2011.
88 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental.

1. Educação ambiental. 2. Cinema. 3. Biopoder. 4. Ecosofia. I. Henning, Paula Corrêa. II. Tìtulo.

CDU: 504:791

Catalogação na fonte: Bibliotecário Clériston Ribeiro Ramos CRB10/1889

EDUCAÇÃO AMBIENTAL, CINEMA E BIOPODER: UMA DISCUSSÃO POSSÍVEL.

MARISA DE MELLO LUVIELMO

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

_____

ORIENTADORA: PROFA. DRA. PAULA CORRÊA HENNING
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - FURG

_____

PROFª. DRª. PAULA REGINA COSTA RIBEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - FURG

_____

PROFª. DRª. BETINA SCHULER
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL - UCS

RIO GRANDE, 2011

A quem destino os créditos

Agradecer é preciso, e aqui destino meus agradecimentos às pessoas que passaram por este momento da minha vida. E a vocês que destino todos os créditos desta conquista.

Durante o tempo da minha escrita pude aprender a conhecer melhor as pessoas, a perceber a vida sob um novo olhar. Durante o percurso fui surpreendida por acontecimentos que me desestruturaram, mas que ao mesmo tempo fizeram-me crescer, tornando-me uma pessoa melhor. E isso só foi possível porque pude contar com a presença incondicional de pessoas que fazem parte da minha vida.

Dou início a meus agradecimentos lembrando e ressaltando a importância dessa pessoa neste momento, minha orientadora Prof.ª Dr.ª Paula Corrêa Henning, a quem dedico os créditos deste trabalho. O que não poderia ser diferente, já que foi por ter sido escolhida tua orientanda que tive a oportunidade de me lançar nesse referencial que dominas como ninguém. Foi por teres tido paciência e dedicação que hoje finalizo esta jornada. For por ter tido a tua presença como orientadora, companheira e amiga que pude lançar-me esse desafio. Portanto, não poderia deixar de agradecer por ter sido escolhida tua orientanda. E assim ressaltar que:

Tua exigência me fez crescer...

Tua experiência me ensinou...

Tua dedicação me incentivou...

E a você, Paula, que dedico todos os créditos de produção e direção deste trabalho.

Uma conquista só é possível quando se tem uma família que apoia, incentiva, entende, participa, e é por isso que agradeço à minha família. E é por isso que agradeço a você, Leonardo, meu marido, que soube compreender como ninguém todos os meus momentos difíceis e conturbados que passamos ao longo desses dois anos. Ao meu filho Gabriel, que além de me apresentar a animação *Wall.E* foi companheiro incansável em todas as vezes que precisei assisti-la. Ao

pequeno Nícolas, que de uma forma inseparável participou de todas as leituras foucaultianas e a quem cabe um pedido de desculpas por todos os momentos ausentes no seu início de vida. A vocês agradeço e dedico cada momento da minha escrita.

Aos meus pais que sempre marcaram presença em momentos da minha vida, incentivando-me e torcendo por minha conquista.

Á Luciene e Alzevani, o agradecimento principalmente pelo entusiasmo e o apoio irrestrito em relação a mim e à minha trajetória. Registro aqui, da mesma forma, minha gratidão a todos os meus irmãos.

Aos meus sogros, Carlos Alberto e Magdalena, com quem sempre pude contar nos momentos em que precisei me ausentar dos afazeres de mãe.

Aos meus amigos, pois sem eles tudo se tornaria muito mais difícil. Em especial, dedico a minha amiga Maria Lúcia, com quem dividi muitas angústias e sofrimentos, mas também muita alegria e sorrisos. Neste momento não poderia deixar de dividir esta vitória.

Ao grupo de estudos da Prof.ª Dr.ª Paula Henning, com o qual compartilhei dúvidas, estudos e incertezas. Aqui dedico um agradecimento especial a duas colegas e amigas: Bárbara Garré e Patrícia Giusti, com as quais dividi muitos sorrisos e caronas.

Dicas de leituras foram necessárias... Portanto, não poderia deixar de lembrar e dedicar meus agradecimentos pelas indicações de muitas das leituras que realizei nesse período. Desta forma, dedico este carinho à minha banca composta pelas professoras Paula Regina Costa Ribeiro e Betina Schuler.

Como bolsista, não poderia deixar de agradecer à CAPES pela oportunidade. Além disso, não poderia esquecer o incansável Gilmar F. Conceição, secretário do programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, um torcedor.

A vocês destino todos os créditos. Para finalizar meus agradecimentos, não poderia deixar de lembrar as palavras do maior ator e poeta que o cinema mudo conheceu – Charles Chaplin – do qual sou uma grande admiradora.

> Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa sozinha em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.

RESUMO

A presente dissertação parte da possibilidade de uma discussão entre os campos de saberes atrelados à educação ambiental e ao cinema. A partir dessa possibilidade o objetivo é analisar discursos produzidos através do *corpus* discursivo – o filme de animação *Wall.E* que se refere a crise ambiental que vive-se na contemporaneidade. Na pesquisa toma-se como principal referencial teórico os estudos do filósofo francês Michel Foucault, principalmente no que ele intitula por Biopoder. A pesquisa procura evidenciar o cinema como mídia que interpela os sujeitos através de seus discursos. A educação ambiental é percebida nesta investigação a partir de dois olhares: o primeiro que a percebe com um dispositivo de seguridade que tem por finalidade regular e conduzir a conduta dos sujeitos; e um segundo que faz referência aos estudos das três ecologias de Felix Guattari. Na dissertação, a educação ambiental passa a ser considerada como prática que caracteriza o que Guattari denomina como "ecosofia". Uma ecosofia, como prática ético-política e estética, que condiz com a maneira de viver no planeta sob as mudanças desse tempo contemporâneo. Para tanto, como forma de entender a contemporaneidade busca-se respaldo teórico em algumas problematizações referenciadas pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Trata-se de conceitos muito evidentes na animação, principalmente condizentes ao lixo, consumo e descartabilidade. O estudo discute a crise ambiental vivida por cada um de nós, entendo o cinema como potente ferramenta para pensar o mundo atual.

Palavras chaves: Educação Ambiental, Cinema e Biopoder.

ABSTRACT

The present dissertation is based on the possibility of a discussion between the knowledge fields concerning environmental education and cinema. The objective of our work is analyzing those discourses produced through the discursive *corpus* - the animation movie Wall.E – which concerns the environmental crisis experienced by us in contemporaneity. The main theoretical references of this research are the studies of the French philosopher Michel Foucault, especially what he calls Biopower. With this research we seek to demonstrate cinema as a media that questions people through its discourses. Environmental education is seen in this investigation from two aspects: the first one perceiving it as a security device regulating and conducting people's behavior; and the second one making reference to the studies of Felix Guattari's three ecologies. In the dissertation, environmental education starts to be considered as a practice that features what Guattar' calls "ecosophy". An ecosophy that - as an ethical-political and aesthetical practice - matches the way of life in our planet with those changes happening in the contemporaneous times. In order to understand contemporaneity, we employ as theoretical basis some problematizations referenced by the Polish sociologist Zygmunt Bauman. Those are evident concepts in animation movies, especially consonant to trash, consume and discardability. The study discusses the environmental crisis experienced by every one of us and I consider cinema a strong tool to reflect about the current world.

Key words: Environmental Education, Cinema e Biopower

SUMÁRIO

Agradecimentos 5
Resumo 7
Abstract. 8
Cena I – A modo de Apresentação 11
Onde tudo começou 11
Detalhando e descrevendo meu *corpus* discursivo 18
O cinema ensinando sobre educação ambiental 21
Cena II – O poder sobre a vida: o biopoder 30
Cena III – O campo das mídias governando e constituindo sujeitos ecológicos48
3.1 – A educação ambiental como dispositivo de segurança 48
3.2 – Lixo, consumo e a sociedade líquido-moderna: enunciados no Wall.E
e produtores de sentido 58
3.3 –Por uma educação ambiental ecosófica 71
Cena IV – Ao acender das luzes 77
Referências 82
Anexo A – DVD da animação Wall.E 85
Anexo B – Sinopse e Ficha Técnica do Filme Wall.E 86
Anexo C – Capa do Diário Popular – Ecossistema Sustentável 87
Anexo D – Primeira edição do caderno “Pense Bem” 88

Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que era no início. Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que iria dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará. (FOUCAULT, 2006, p. 294).

Cena I: A modo de Apresentação

Onde tudo começou...

Este trabalho se insere na discussão entre os campos da educação ambiental e o cinema, mais especificamente o cinema de animação. E por entender que a relação entre esses campos de saber podem e devem se completar é que se inicia essa discussão. Nesse trabalho tomo o cinema como mídia propagadora de discursos que interpelam sujeitos e tomo a educação ambiental como um dispositivo de seguridade que se volta para o gerenciamento de uma população, visando uma qualidade de vida.

Inicio este estudo motivada pela frase do filme de animação *Wall.E*: “Não quero sobreviver! Quero viver!”, frase essa que, mesmo dentro da sua simplicidade, trouxe-me várias inquietações. Ao assistir a animação *Wall.E*, pela primeira vez, ao lado do meu filho mais velho, percebi o quanto ela se tornou atual e condizente com o mundo de hoje, pois retrata a forma como vivemos essa contemporaneidade e (talvez?) a forma com que desejamos viver. Assim surgem várias inquietações, das quais algumas serão problematizadas no decorrer deste trabalho.

Quero iniciar minha dissertação narrando como a educação ambiental passou a fazer parte das minhas inquietações. Parte disso atribuo à forma como eu tenho sido constituída. Seja através do movimento das bandeirantes, na juventude, seja no período em que estive no mestrado, o fato é que sempre fui atraída por questões referentes ao meio ambiente, ainda que, confesso, trabalhadas inicialmente sob outro olhar.

Minha trajetória na educação ambiental se inicia na situação de aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Grávida do meu

primeiro filho, fui tomando conhecimento desse campo de saber, antes pouco conhecido. Com o nascimento do Gabriel veio o meu afastamento do curso. E após um ano, retornei ao curso como aluna efetiva. Isso deu início a algumas inquietações, pois pretendia perceber o campo da educação ambiental sob um olhar condizente ao tempo em que vivemos. Como pessoa, profissional, mãe, mulher, a mim parecia muito caro deixar de lado situações como andar de carro, tomar refrigerante, consumir roupas da moda etc. Ao mesmo tempo, a preocupação em preservar o meio ambiente – vale ressaltar: a qual não sou contra! – para mim soava muito utópica. Fazemos parte de um mundo contemporâneo, onde a mídia nos interpela diariamente ao consumo. Por outro lado, discute-se a preocupação com o planeta, já que a mesma mídia que nos leva ao desejo de consumo também nos mostra os efeitos disso. Notícias referentes aos diversos desastres mundiais repercutem-se diariamente, e aqui cito os mais recentes como as grandes enchentes causadas, nos últimos meses, nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo: morros inteiros vindo a baixo, deixando diversas pessoas soterradas e milhares desabrigados. São tragédias que estão fazendo parte do nosso cotidiano. Acordamos e dormimos com notícias desse tipo. A mim resta pensar a mídia como uma ferramenta importante que consolida uma “realidade” carregada de discursos que chegam a nós.

O cinema, uma paixão que vem desde criança, sempre fez parte da minha vida. Nos finais de semana reunia os amigos para mostrar-lhes minhas criações cinematográficas. Na época, projetava as imagens na parede da sala, totalmente às escuras, com cadeiras enfileiradas, pipoca e bilheteria. Tudo pensado nos mínimos detalhes. Os filmes de Charles Chaplin, Os Três Patetas, O Gordo e o Magro fizeram parte da minha infância, fazendo com que me apaixonasse ainda mais por essa arte. Aos domingos, a programação eram as sessões de matinês, que para mim soavam como um ritual sagrado. Não querendo ser saudosista, mas o tempo foi passando e fui sendo constituída, atravessada, interpelada por outras coisas. Isso não significa o abandono do cinema, pois a escolha para construir minha trajetória acadêmica e profissional seria então a Comunicação Social. De uma maneira ou de outra, sempre tentava carregar comigo minha admiração e gosto pelo cinema. No período da faculdade de Jornalismo, ao cursar a disciplina de *TV e Cinema*, tive a oportunidade de produzir, filmar e editar um curta-metragem. Naquele momento, no

cargo de diretora e roteirista, gravei meu primeiro filme. A comédia, *Um ladrão atrapalhado*[1], proporcionou-me a oportunidade de aprender a lidar com os imprevistos e improvisos que toda produção universitária enfrenta.

Assim, a possibilidade de unir a educação ambiental ao cinema não é um novo campo a ser descoberto, mas é fazer com que meus estudos aliem a produção científica à paixão de trabalhar com outra área que me é cara. Dito de outra forma, gostaria que, partindo de uma produção cinematográfica, meu estudo me provocasse a entender o campo da ciência, no qual nós do espaço universitário nos situamos, articuladamente com o prazer de produzir e problematizar a pesquisa no campo da educação ambiental.

Ao ingressar no Mestrado em Educação Ambiental, percebi que o cinema poderia fazer parte desse campo de saber. Um educador ambiental pode e deve se utilizar de ferramentas com as quais possa disseminar discursos que se proliferem dentro da sociedade, e isso pode ser pensando através da comunicação social; particularmente insiro o cinema. Ainda que meu estudo esteja voltado mais diretamente para o desenho animado, o cinema e todas as suas produções cinematográficas, sejam através de documentários, desenhos ou filmes, deveriam ocupar um espaço como forma de difundir ideias relacionadas à educação ambiental.

De certa forma, o cinema já vem conquistando um espaço na educação ambiental. Hoje já existem vários eventos que relacionam essas duas áreas, como por exemplo, o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (FICA) que ocorre todos os anos na cidade de Goiânia, em Goiás. O FICA possui como foco central o cinema e a defesa ambiental. O evento é alicerçado na temática ambiental trazendo, em sua última edição, discussões referentes ao aquecimento global, por entender que esse é um tema que vem pautando os diversos debates referentes à situação do planeta e à preocupação com a sobrevivência da vida na terra.

Assim, o que pretendo problematizar neste estudo versa sobre a relação do cinema com a educação ambiental, pensando ser necessário provocar o pensamento acerca da contribuição do cinema para esse campo de saber. Diante

---

[1] Filme produzido em 1997 na disciplina de TV e Cinema do Curso de Comunicação Social Habilitação Jornalismo da Universidade Católica de Pelotas.

disso, o problema central deste estudo versa sobre que discursos são produzidos pela animação *Wall.E* diante da crise ambiental em que estamos todos inseridos.

Para isso, selecionei a animação *Wall.E* [2] como *corpus* discursivo da pesquisa, por apresentar em sua narrativa discursos que por ora me parecem pertinentes ao campo de saber da educação ambiental. *Wall.E* trata-se de uma produção hollywoodiana que provoca o pensamento no que tange às diversas discussões da crise ambiental que atravessamos. É uma animação que se volta à problematização de assuntos referentes à descartabilidade, individualidade, consumismo, degradação dos recursos naturais, lixo, relações sociais, tecnologia, entre outros assuntos.

Minha opção foi de centralizar meu trabalho em alguns conceitos abordados pelo filósofo francês Michel Foucault. Isso só pôde acontecer através de um feliz encontro que só foi concretizado a partir do momento em que esse referencial foi respondendo a minhas indagações. Não posso negar que, ao optar por trabalhar com esse referencial, dei inicio a um grande desafio, já que num primeiro momento se tem a sensação de estar adentrando um terreno desconhecido e muito instigante; mas ao continuar, pode-se perceber a delicadeza, a sutileza com que o autor tenta mostrar uma realidade cotidiana que é, antes de tudo, produzida por nós mesmos. Os estudos fizeram-me entender como somos produzidos por discursos. Foucault, aos poucos, foi mostrando-me uma nova forma de perceber o mundo. O autor desestabiliza todas as *verdades verdadeiras* quando nos coloca a pensar que a verdade é deste mundo; “ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2008, p. 12). Tirando-nos o chão, desconstruindo certezas, Foucault vai ensinando-nos a viver de uma forma mais problematizadora e menos sonhadora. Isso me remete a pensar na educação ambiental como um campo de saber que se propõe a viver “com os pés no chão”, sem imaginar um mundo colorido, onde a humanidade se tornará “ecologicamente correta”. Com este autor aprendi que vivemos numa episteme moderna, imersa no consumismo, no individualismo e na tecnologia.

---

[2] Animação da Walt Disney Pictures - Pixar Animation Studios, do direto Andre Stanton, lançada em 2008 no Brasil. Concorreu ao Oscar/2009 nas categorias: Melhor longa de animação, melhor roteiro original, melhor mixagem de som, melhor edição de som, melhor trilha sonora e melhor canção. Ganhadora do Oscar/2009 na Categoria: Melhor longa de animação. O DVD da animação encontra-se no anexo 1 deste trabalho.

Portanto, meu pensamento me leva na direção de algumas indagações: Por que não discutir a relação entre educação ambiental e cinema? Por que não problematizar essas duas temáticas? De que forma essa discussão se torna pertinente e possível? É com essa intenção que meu estudo vai se debruçar, buscando problematizar, na intenção de discutir, analisar novas possibilidades no campo de saber em que me insiro atualmente: a educação ambiental. Tal escolha se deu por entender que o pensamento se tornou algo muito difícil que inquieta até a alma.

> A uma face, podem-se colocar dois tipos de questões, de acordo com as circunstâncias: em que você pensa? Ou: o que é que o prende, o que é que você tem, o que é que você sente ou ressente? (DELEUZE, 1985, p.105).

O olhar que dou para a animação é na tentativa não de interpretá-la, mas na busca de provocar os discursos produzidos nesse filme e dados como verdadeiros nesse mundo contemporâneo (FOUCAULT, 2002). Ao longo do trabalho, procuro estabelecer unidades de sentido, descrever continuidades, recortando, selecionando, dirigindo meu olhar para algumas coisas e não outras. Enfim, olho para essas narrativas pelo que dizem, pelos jogos enunciativos que produzem. Minha intenção vem ao encontro de tentar fazer uma descrição organizada os discursos de educação ambiental, que entendo como práticas que vêm constituindo, interpelando e atravessando os sujeitos, em outras palavras, como sendo um conjunto de possibilidades que emergem na contemporaneidade. Foucault problematiza, questiona e alerta para o perigo da proliferação desses discursos, levando-me aqui a pensar como a educação ambiental tem proferido discursos “ecologicamente corretos” aos sujeitos. Como esses discursos vêm sendo difundidos, expandidos, propagados na sociedade? Quais os perigos que se pode correr? Que discursos são esses? Que verdades são essas? E que efeitos são esses que causam na população do século XXI uma necessidade de ter presente uma educação ambiental? Para pensar como essas verdades são construídas em sociedade, Foucault responde da seguinte maneira:

> [...] a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e de um imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (unidades, exército, escritura, meios de

> comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas "ideológicas") (FOUCAULT, 2008, p. 13). [grifos do autor].

Por mais banal que possa parecer para alguns, não posso deixar de considerar a educação ambiental como uma propulsora de discursos que vêm nos constituindo, talvez não como educadores ambientais apenas, mas como sujeitos inseridos numa sociedade que se volta para atitudes "conscientes", atitudes que se voltam para atividades em prol da preservação do planeta.

O motivo que me leva a problematizar a educação ambiental é por entender que, como seres humanos, somos incessantemente interpelados, seduzidos e constituídos pelos discursos que operam como propagadores de ideias, costumes e valores. Não tenho por intenção afirmar o que é bom ou ruim; nem ao menos desconstruir toda uma trajetória da educação ambiental. Minha intenção diz respeito às problematizações referentes aos discursos, verdades e efeitos que vêm sendo produzidos na contemporaneidade, e de que maneira o discurso de "crise ambiental" torna-se tão emergente.

A caixa de ferramentas foucaultianas que utilizo para construir este trabalho versa sobre alguns conceitos do autor, tais como biopoder. Assim, na companhia de Foucault, busco entender como nos tornamos aquilo que somos enquanto sujeitos de poder, uma vontade de saber que emerge e que está diretamente ligada às relações de poder em nossa sociedade. Meus estudos perpassam conceitos do filósofo francês e faço deles um dos suportes teóricos dessa investigação.

Penso que, ao escolher a filosofia de Michel Foucault, o desafio se tornou algo provocante, principalmente no campo da educação ambiental, fazendo-me percorrer caminhos desconhecidos os quais tive que enfrentar, descrever, compreender e analisar para assim conseguir utilizar o autor da maneira como ele desejaria. Faço minhas as palavras do filósofo francês:

> Todos os meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal fase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... Pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006, p. 52).

É ao abrir a caixa de ferramenta e utilizar seus conceitos que convido ao leitor a embrenhar-se comigo no desafio de pensar a educação ambiental sobre outros olhares, ainda nada convencionais para esse campo de saber. Percebo esse campo de saber como uma ferramenta importante para entendermos os

desdobramentos de estarmos hoje vivendo aquilo que Guattari (1991) denominou de crise ambiental.

Com o estudo me interessa evidenciar ao leitor que neste momento olho para *Wall.E* como uma formação discursiva que reverencia assunto discutidos no campo da educação ambiental nos mais diversificados meios sociais. Assim direciono meu olhar para a educação ambiental como um dispositivo que surge como forma de regulamentar toda uma população que ser volta para a preservação do meio ambiente.

Ao dar continuidade ainda nesta Cena I, apresento um resumo do filme de animação *Wall.E* escrito por mim. Destaco ainda que, durante o período de escrita deste trabalho, foi possível assistir ao desenho dezenas de vezes, e ao voltar a assisti-lo, fui sendo cada vez mais seduzida, interpelada, o que fez com que a elaboração do resumo fosse escrito e reescrito diversas vezes.

Após apresentar o desenho de animação *Wall.E* ao leitor, discuto o conceito de cinema como mídia percebendo como ele interpela os sujeitos através dos modos de endereçamento. Nessa seção, que encerra o primeiro capítulo, pretendo apresentar o cinema como uma importante ferramenta para constituir os sujeitos neste mundo contemporâneo.

Na Cena II, o segundo capítulo desta dissertação, *O Poder sobre a Vida: o Biopoder*, passo a discussão para aquilo que Foucault intitulou por Biopoder. Esse poder que se volta para o gerenciamento da população através de estratégias políticas, sociais, educacionais e etc. Ali, pretendo problematizar algumas estratégias biopolíticas que o biopoder coloca em operação para ações de preservação e prevenção do planeta.

Na Cena III, *O campo das mídias governando e constituindo sujeitos ecológicos*, prossigo os estudos deste trabalho discutindo sobre a educação ambiental e alguns discursos midiáticos que vêm interpelando o sujeito contemporâneo. Nessa cena, apresento a educação ambiental como um dispositivo de segurança, problematizando um conceito importante em Foucault (2008): o dispositivo. Ainda neste capítulo, passo a discutir sobre lixo, consumo e a sociedade líquida-moderna em que vivemos. Tais discursos são potentes no filme sob análise. Para finalizar este capítulo, problematizo aquilo que Guattari (1991) me ensinou: a ecosofia ambiental.

Na Cena IV, procuro afirmar que as discussões entre o cinema e a educação ambiental são pertinentes diante da crise ambiental que vivemos. A animação mostra-se como um *corpus* discursivo que evidencia os discursos com os quais estamos sendo interpelados. Essa interpelação não ocorre somente no cinema, mas em muitos tipos de mídia que criam estratégias para que pensemos no futuro do planeta. Estratégias que se mostram cada vez mais sedutoras, conduzindo os sujeitos a assumirem posições e atitudes ecologicamente corretas.

Com a organização desta dissertação, pretendo dar conta de responder ao problema de pesquisa que me propus a investigar: quais discursos são produzidos pela animação *Wall.E* diante da crise ambiental em que estamos todos inseridos?

A seguir, apresento a sinopse do filme de animação *Wall.E*, no intuito de evidenciar ao leitor o enredo do desenho e suas articulações possíveis com o campo da educação ambiental.

Detalhando e descrevendo meu *corpus* discursivo: *Wall.E*

A Terra, depois de ter sido governada pelo presidente da megaempresa chamada Buy' N Large, (BNL), apresenta-se totalmente inabitável devido aos altos índices tóxicos causados pelo grande acúmulo de lixo. A BNL, ao mesmo tempo que governava o planeta, também tinha como estratégia criar e satisfazer todos os desejos de consumo dos seres humanos. Chegamos ao ponto de o planeta ficar coberto por pilhas de lixo, atingindo níveis tóxicos que impossibilitaram a permanência de qualquer espécie humana na Terra.

Os humanos conseguiram entulhar de lixo e poluir a atmosfera da Terra, deixando-a totalmente inabitável. Assim, encontraram como alternativa viver numa espaçonave deixando a difícil tarefa de limpar a superfície terrestre aos robôs de denominação Wall.E (Waste Allocation Load Lifters – Earth-Class), ou seja, levantadores de carga de alocação inúteis – classe terrestre, que vão se estragando à medida que não conseguem suportar as condições precárias e acabam deixando de funcionar. Apenas um exemplar de Wall.E continua cumprindo sua função. Esse exemplar possui uma admiração pela cultura dos humanos e coleciona vários artefatos. O abandono do ser humano é mostrado quando Wall.E passa por cima de

um jornal com a seguinte manchete: “Lixo Demais! Terra Coberta. Presidente da BNL declara emergência Global”. E por Outdoors imensos com o seguinte dizer: “Temos o que você precisa e muito mais!”.

O abandono da Terra se deu devido à estimulação ao consumo da BNL, fazendo com que todos os indivíduos passassem a consumir tudo o que desejavam e tudo o que eram levados a consumir pela megaempresa, já que todos os produtos eram criados por ela.

Os humanos são mostrados quando surge um comercial holográfico da BNL que afirma que conseguirá limpar tudo enquanto os humanos, a bordo da espaçonave AXIOM, se divertem com todo o conforto.

Ao longo dos 700 anos trabalhando sozinho, Wall.E passa a colecionar artefatos humanos. Entre os artefatos, o famoso jogo do cubo mágico, um aparelho de VHS, isqueiros, plástico bolha e uma fita com seu filme predileto *Hello, Dolly!*, que passa a ser sua trilha sonora.

O robô Wall.E tem como companheira uma barata, através da qual o diretor do filme Andrew Stanton faz, ironicamente, uma alusão ao dito popular: *que se uma catástrofe ocorresse no mundo somente as baratas sobreviveriam*. Assim, o diretor coloca essa espécie como amiga de Wall.E, representando a única espécie viva a suportar os níveis de poluição representados na animação.

Ao mesmo tempo, Wall.E é um robô que desenvolve uma personalidade que pode ser percebida através de seus gestos e olhares. Apesar de nunca ter visto um humano, passa a ter uma admiração pela cultura e mantém um respeito pela vida. Isto é percebido quando ele descobre uma planta que se desenvolveu dentro de uma geladeira em meio ao lixo. O filme enfatiza que mesmo sem nunca ter visto uma planta, o robô consegue perceber que a natureza é fundamental para a sobrevivência humana.

Aqui, chamo a atenção ao fato de que, mesmo sem manter nenhuma espécie de diálogo nos primeiros trinta e nove minutos de filme, é possível identificar os discursos aos quais o diretor do filme se propôs – entendo-os como aquilo que Foucault (2008) denominou como práticas não-discursivas.

Certo dia EVA (Examinadora de Vegetação Alienígena), uma espécie de robô de tecnologia avançada, é enviada à superfície da terra com a missão de encontrar um exemplar vegetal vivo que comprove a sustentabilidade do planeta

novamente. Wall.E acaba levando EVA para o depósito onde mora, e lá apresenta vários objetos que coleciona. Mesmo não entendendo a utilidade de cada artefato, EVA demonstra curiosidade e encantamento, principalmente quando, ao pegar um isqueiro, percebe o fogo. Ao mostrar os objetos que coleciona, Wall.E acaba mostrando a EVA a planta descoberta no meio do lixo. Ao mostrar a planta, a sonda EVA, com sua missão finalizada, aguarda o resgate do foguete da AXIOM, que a levará de volta à espaçonave.

Quando o foguete chega à superfície da Terra, recolhe a sonda EVA e Wall.E acaba indo junto, na tentativa de não abandoná-la. Durante o percurso do foguete, Wall.E, que nunca havia saído da Terra, mostra-se encantado com o que vê no espaço. Ao mesmo tempo, percebem-se os espaços que o homem foi ocupando, pois existem cartazes da BNL até mesmo na Lua.

A bordo da AXIOM, Wall.E é surpreendido por encontrar outros robôs programados para realizarem uma única tarefa. Aos poucos, Wall.E vai descobrindo outros personagens como M.O., um robozinho que está programado para descontaminar e limpar todos os objetos e robôs que chegam da Terra. Na AXIOM todos os robôs são programados para andarem em uma linha, a qual jamais nenhum deles questionou ou tentou ultrapassar.

Na cena seguinte, somos surpreendidos com a forma como os humanos estão representados no desenho. Os seres humanos são todos sujeitos preguiçosos, constituídos por uma única identidade, consumistas, obesos, porém ingênuos. A comunicação entre eles é feita através de monitores holográficos acoplados em cadeiras flutuantes que deslizam sobre linhas já traçadas, tais como a dos robôs. Ainda permanecem consumistas, pois todos se vestem da mesma maneira e são interpelados pela mídia. O contato físico não existe, pois toda a comunicação é holográfica. A alimentação é toda feita através de copos enormes servidos a todo instante por robôs. A rotina é toda comandada por Auto, piloto automático, e supostamente, dirigida pelo Comandante, que tem como função fazer os anúncios matutinos. No dia 255.642 a bordo da AXIOM, ao anunciar o heptacentenário, o Comandante diz que seus ancestrais ficariam orgulhosos em saber que 700 anos depois, continuam fazendo exatamente a mesma coisa que eles faziam.

O Comandante, ao perceber que EVA trouxe um exemplar que indica existir uma forma viva na Terra, percebe-se curioso em conhecer como foi a Terra e como seus ancestrais viviam antes da tragédia tomar conta do planeta. Nesse momento, o Comandante prescinde que existe um boicote comandado por Auto, que tenta de todas as maneiras impedir o retorno à superfície terrestre e, assim, a operação Recolonização. A operação Recolonização consiste no retorno dos humanos à superfície da Terra, assim que seja comprovada a existência de fotossíntese no planeta. Ao tomar conhecimento de um provável boicote por conta de Auto, o Comandante coloca-se em posição de confronto com esse e procura descobrir e conhecer o que seria a Terra. Ao conhecê-la, através de imagens arquivadas no computador da AXIOM, acaba sendo incentivado a lutar pelo retorno de todos humanos ao planeta Terra.

Com isso, o Comandante percebe que há vários anos a única coisa que ele e sua tripulação fazem é seguirem uma rotina voltada ao consumo e ao sedentarismo. Uma das frases emblemáticas nessa animação é quando o Comandante, ao perceber que há 700 anos não fazem outra coisa a não ser seguir ordens estipuladas por máquinas, questiona quanto ao sobreviver ou viver. Afirmando que o que ele deseja, portanto, é viver. A partir daí é travada uma luta contra Auto para que a única amostra de vegetação que comprova a existência de fotossíntese na superfície terrestre seja posta no holograma programado para levar toda a tripulação de volta ao seu planeta e assim possibilitar a sua reconstrução.

No final da animação, os seres humanos retornam à Terra, percebendo a importância do cuidar do planeta e a importância das relações humanas. O interessante é que, mesmo terminando o desenho, o processo de reconstrução do planeta é mostrado durante os créditos finais como forma de continuidade. A última cena do desenho mostra Wall.E e Eva em frente à planta, que se tornou uma árvore, deixando a idéia de que a partir de uma semente pode-se reconstruir um planeta.

O cinema ensinando sobre educação ambiental

A escolha de trabalhar com a análise de filme de animação recai sobre minha paixão pela sétima arte[3]. No entanto, quando selecionei um desenho da Walt

[3] O termo sétima arte para designar o cinema foi criada pelo italiano Ricciotto Canudo no **Manifesto das Sete Artes**, em 1911. Essa referência é apenas indicativa, cada uma das artes é caracterizada

Disney foi por entender que esses são os que mais se utilizam de temáticas consideradas “ambientais”, como por exemplos nos filmes, O Rei Leão (1994), Vida de Inseto (1997), FormiguinhaZ (1998), Tarzan (1999), Procurando Nemo (2003), Carros (2006), Tinker Bell (2008), entre outros. Entretanto, optei pela animação *Wall.E* (2008), ganhadora do Oscar de melhor animação em 2009, por apresentar temáticas ambientais muito discutidas atualmente tais como: o lixo, o consumo, a descartabilidade e etc.

Conceituar cinema é uma tarefa cujos vários autores ainda não conseguiram definir em uma única resposta. É impossível pensar cinema como algo definido, fechado, já que ele é a constituição de muitos elementos ao mesmo tempo. Ele pode ser percebido como arte, como espetáculo, como produto cultural, como linguagem, como indústria cultural e/ou como mídia. Possui uma função múltipla, diversa, infinita, que permite estudá-lo sob muitos olhares. O cinema é considerado, por alguns autores, como uma forma de arte, uma fonte de entretenimento popular. E seus elementos visuais dão aos filmes um poder de comunicação universal, assim como afirma Louro:

> Em várias sociedades, incluindo a brasileira, o cinema passou a ser, desde as primeiras décadas do século XX, uma das formas culturais mais significativas. Surgindo como uma modalidade de lazer, rapidamente conquistou adeptos, provocando novas práticas e novos ritos urbanos (2000, p. 423).

O cinema só foi possível devido à invenção do cinematógrafo pelos irmãos Lumière, no final do século XIX, quando projetaram a primeira exibição pública de cinema no *Grand Café*, em Paris. Na ocasião, o público pode conferir as primeiras sessões de cinema chamadas de: *A saída dos operários da Fábrica Lumière* (1895) e *A chegada do trem à Estação Ciotat* (1895). Com a criação do cinematógrafo, o cinema pôde se expandir por toda a Europa e Estados Unidos.

No entanto, foi o mágico ilusionista chamado Georges Méliès que trouxe para o cinema a ficção, através das narrativas voltadas para o entretenimento. Nas suas projeções, o mágico acabou descobrindo vários truques que resultaram, mais tarde, nos primeiro efeitos especiais da história do cinema.

---

pelos elementos básicos que formatam sua linguagem e classificadas da seguinte forma:1ª arte – música; 2ª arte - dança/coreografia; 3ª - arte pintura; 4ª – escultura; 5ª arte – Teatro; 6ª arte – literatura; 7ª arte – cinema. Outras formas já foram incluídas do manifesto sendo elas: 8ª arte – fotografia; 9ª arte – banda desenhada; 10ª arte – jogos de computador e de vídeos;11ª arte – arte digital.(REIS, 1995, p.25).

No século XX, o primeiro diretor americano foi David Wark Griffith, um dos pioneiros de Hollywood. Ele foi o primeiro e mais importante criador de uma maneira nova de narrar histórias. Griffith costumava valorizar os personagens através do *close-up*, ao que chamamos uma aproximação ao rosto do ator ou atriz, que originou então o que veio a ser chamado de *plano americano*.

Muitos outros cineastas compuseram a história do cinema, no entanto não irei me ater à história propriamente dita do cinema, pois meu interesse versa sobre os discursos do cinema de animação que vêm interpelando os sujeitos na contemporaneidade. Assim, direciono meu olhar para o cinema como mídia. Aqui, vou considerar a mídia como uma ferramenta que afeta o que as pessoas pensam sobre si mesmas e como elas percebem as outras pessoas – o que pensamos sobre nossa auto-imagem e o que imaginamos que os outros deveriam ser, tudo isso se dá através da mídia. Dessa forma, passo a considerar o cinema como mídia entendendo que, como tal, se dirige, cada vez mais, para o espectador contemporâneo que se relaciona com as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC'S. "A peculiaridade do cinema é que ele, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada." (NAPOLITANO, 2006, p. 14).

Ao longo dos seus mais de 100 anos, o cinema continua encantando espectadores, sendo "fruto da articulação de códigos e elementos distintos: imagem em movimento, luz, som, música, fala, textos escritos; o cinema tem a seu dispor infinitas possibilidades de produzir significados" (DUARTE, 2002, p. 37), significados esses que percebo como discursos. E são esses discursos que vão nos interpelando e nos constituindo como sujeitos.

A escolha por uma animação hollywoodiana se deu, também, por perceber que os discursos produzidos pelos estúdios americanos parecem criar uma universalidade. As histórias narradas pelos filmes de Hollywood vão sendo instituídas como "verdades" não só para o povo americano, mas para o mundo todo. "Hollywood cria estratégias de autolegitimação, nas quais vai se impondo como o 'melhor', o mais 'verdadeiro', o mais 'eficiente', o mais modelar modo de ver e de se estar no mundo. Hollywood não simplesmente fala do mundo, mas o produz" (FABRIS, 2000,p. 261)[grifos da autora].

Assim, *Wall.E* me instigou a realizar este estudo quando, ao assisti-lo no conforto de minha casa, acabei sendo capturada por seus discursos apocalípticos de que o não "cuidar do planeta" poderá resultar em tragédia. Ou, melhor dizendo, caso não cuidemos do planeta, poderemos, quem sabe, virar protagonistas de cenas mostradas na animação. Desse modo, penso que o cinema pode e deve contribuir para a educação ambiental, uma vez que esse filme e outras tantas produções servem como ferramentas para proferir discursos de preservação e prevenção.

Um filme, seja ele de animação ou não, traz consigo discursos, e é a partir desses discursos que o espectador é capturado, seduzido, atravessado ou não. Toda a interpretação feita sobre um filme parte do pressuposto de que nenhum sujeito é totalmente autônomo, uma vez que somos constituídos por discursos. Portanto, a bagagem que o sujeito carrega é produzida por esses atravessamentos e interpelações desses discursos.

Para pensar o campo da educação ambiental no cinema, me utilizo do estudo realizado por Ellsworth (2001) sobre modos de endereçamento, assunto esse discutido pela autora através do questionamento central do seu trabalho: *Quem este filme pensa que você é?* Como a própria autora se refere:

> Se você compreender qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, por exemplo, você poderá ser capaz de mudar ou influenciar, até mesmo controlar, a resposta do espectador, produzindo um filme de uma forma particular. Ou você poderá ser capaz de ensinar os espectadores como resistir ou subverter quem um filme pensa que eles são ou quem um filme quer eu eles sejam (p. 12).

Existe, portanto, uma relação particular entre a narrativa fílmica[4] e o espectador. Essa relação é denominada por Ellsworth (2001) como modo de endereçamento. O modo de endereçamento pode ser entendido como uma forma de interpelação, um modo como se processa a convocação para que os sujeitos assumam determinadas posições e não outras. Essa ação é imprescindível no processo de constituição de identidades culturais, não podendo ser um momento visual ou falado, mas uma relação que existe, pelo menos durante o tempo de

---

[4] - narrativa fílmica, ou gramática cinematográfica é a linguagem do fruto de articulação de códigos e elementos distintos ao cinema, tais como: imagem em movimento, som, luz, música, fala, textos escritos; tudo o que possibilita ao cinema produzir significados. Duarte (2002) afirma que os filmes não são eventos culturais autônomos, mas são produzidos sempre a partir de crenças, mitos, valores e práticas sociais das diferentes culturas que as narrativas fílmicas se propõem a retratar. Mesmo os filmes que retratam hábitos e práticas que parecem distintos dos nossos podem ser bem assimilados e compreendidos por nós, uma vez que o nosso entendimento é permanentemente mediado por normas e valores de nossa cultura e pela experiência que temos com outras formas de narrativas.

duração do filme, entre o espectador dotado de desejos, expectativas, olhares, experiências e o próprio filme. Sendo assim, o resultado é um mergulho do público na narrativa como se fizesse parte do filme, estreitando a experiência entre espectador e filme.

Num filme, não existe um único e unificado modo de endereçamento, pois o espectador pode não ser o que o diretor estava esperando ou o espectador também pode não se sentir atraído por uma determinada narrativa fílmica. Mas deverá haver uma negociação, e não podemos dizer que essa negociação será simples ou única.

Ao considerar essa relação entre o texto do filme e o seu espectador, chegamos àquilo que Ellsworth (2001) nos fala sobre os múltiplos modos de endereçamento, sendo o espectador capturado por esses endereçamentos identificados por ele em sua vida cotidiana. Tais modos de endereçamento têm relação com a necessidade de endereçar qualquer comunicação, texto, ou ação "para alguém". Entretanto, devemos considerar a forma com que esse filme está envolvido nos prazeres e nas interpretações dos públicos, inclusive em sua decisão de recusar-se a assistir. Em outras palavras, o espectador não é obrigado a assistir a um filme, mas se o fizer poderá ser interpelado por sua narrativa fílmica. E, sendo assim, a mim me parece pertinente pensar sobre os discursos colocados em operação na animação *Wall.E* referentes ao campo da educação ambiental. Não há dúvida que eles produzem e constituem narrativas que capturam a nós, sujeitos desse mundo contemporâneo, protagonistas dessa crise ecológica mundial.

Os discursos produzidos pela animação procuram direcionar seu público para o desejo de preservar o planeta para que possamos vivenciar um futuro. E é essa relação entre a animação e seu espectador que me leva a pensar o quanto é instigante e possível colocar o cinema e a educação ambiental para atuarem juntos, problematizando a crise ambiental que vivenciamos.

Wall.E explora o sentimento de pertencimento ao planeta Terra e ao mesmo tempo o abandono do mesmo. Além disso, enfatiza uma das maiores preocupações cotidianas, o lixo. O que fazer com o lixo? A sensação ao assistir tal desenho é de que se não for encontrada uma solução para as grandes quantidades de lixos produzidas pelo mundo, muito em breve estaremos soterrados sob pilhas e pilhas de lixo, tal como se evidencia na animação.

Os modos de endereçamento de *Wall.E* podem ser considerados como uma "convocação" do espectador no que diz respeito aos problemas ambientais mundiais. Já que o "modo de endereçamento não é um momento visual ou falado, mas uma estruturação – que se desenvolve ao longo do tempo – das relações entre o filme e seus espectadores" (ELLSWORTH, 2001, p. 17).

Portanto, podemos dizer que o que se estabelece entre o espectador e a narrativa de um filme é uma relação de poder, tanto no processo de produzir um filme quanto no de assistir. Mesmo que o público não possa ser identificado apenas por um determinado modo de endereçamento, o que poderá ocorrer é um estímulo para que esse público assuma certas posições quanto a um estilo, uma nacionalidade, um gosto, uma atitude a que um determinado filme endereça.

> [...] um filme tenta encontrar o público que ele imagina e deseja no lugar onde se encontram seus medos e esperanças. Mesmo que o público nunca esteja no lugar para o qual o filme fala, o lugar que o filme endereça parece existir como um "lá" abstrato e partilhável, uma posição-de-sujeito imaginada no interior do poder, do conhecimento e do desejo que os interesses conscientes e inconscientes por detrás da produção do filme precisam que o público preencha. Abstratamente ou não, os filmes parecem "convidar" os espectadores reais a essa posição e encorajá-los, ao mesmo imaginariamente, a assumir e ler o filme a partir de lá. (ELLSWORTH, 2001, p.39). [grifos da autora].

Se existe uma relação de poder resultante dos modos de endereçamento, podemos dizer que isso se dá quando um diretor elege uma cena ou uma fala para marcar o espectador visualmente. Na animação *Wall.E*, o diretor/roteirista elege uma cena para exercer esse impacto sobre seus espectadores. Aqui destaco a cena na qual o personagem Comandante, cheio da certeza de que não quer mais fazer parte da situação em que todos os seres humanos foram postos, dirige-se a Auto – o piloto automático da espaçonave AXIOM – e diz: "Não quero sobreviver! Quero viver!". Essa fala é carregada de um desejo de querer voltar à superfície da Terra para conhecer o planeta que foi abandonado por seus ancestrais há 700 anos. Tal cena desperta sentimentos no espectador que está diante de uma situação que relata o desejo de um ser humano de conhecer seu planeta que foi abandonado e que se encontra totalmente inabitável, em razão da grande quantidade de lixo acumulado e produzido pelos próprios humanos. O poder de endereçamento desliza entre a decisão do cineasta em eleger esta frase, como forma de chamar a atenção do espectador para um problema sério e a decisão do espectador de se deixar levar pelo impacto de tal narrativa.

No entanto, chamo a atenção para o que Ellsworth (2001) fala sobre o poder de endereçamento, uma vez que, ao pensar numa história cinematográfica, não se pode afirmar se irá atingir seu público em cheio, o que poderia torná-lo um sucesso de bilheteria. Muitas vezes, as opiniões dos críticos e os espectadores sobre um determinado filme não coincidem. Isso acontece porque não existe uma maneira de prever a reação do público. Pois, como já foi dito, o modo de endereçamento não é algo visível, trata-se de uma relação e não de uma coisa. “É um produto da contínua interação entre uma série de aspectos dos usos particulares de forma, de estilo e estrutura narrativa feitos por um determinado filme” (ELLSWORTH, 2001, p. 46). Isso implica em todas as frases que poderiam ter sido ditas na animação e que já foram ditas em outros momentos, como por exemplo, em noticiários, romances, comédias e etc, e a frase que foi dita em *Wall.E*.

Portanto, o modo de endereçamento “[...] consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de ser dito – e o que é dito” (ELLSWORTH, 2001, p. 47). Assim, o que se pode dizer do poder de endereçamento é que ele versa sobre a escolha do diretor do filme em eleger tal frase e a resposta do público. E é isso que torna impossível determinar, controlar a reação do público diante de uma determinada narrativa fílmica. Sendo assim, não se pode culpar os diretores de filme quando este não se torna um sucesso de bilheteria, o que se pode dizer é que o seu modo de endereçamento não conseguiu atingir seu público, de forma que estimule a imaginação fazendo com que o espectador passe a ser e agir de uma determinada maneira.

Entender como se dá o processo de endereçamento proposto por Ellsworth (2001) se faz importante porque permite pensar os possíveis públicos aos quais o filme é direcionado, uma vez que *Wall.E* não é um desenho direcionado exclusivamente para o público infantil. Isso significa que os modos de endereçamento da animação não fazem distinção entre seus públicos, uma vez que todos nós fazemos parte do mesmo planeta. O que acontece é que algumas narrativas podem atingir mais certos públicos do que outros; por outro lado, me parece difícil imaginar um espectador que não seja interpelado diante da narrativa de *Wall.E*, uma vez que retrata vários assuntos que preocupam a nossa sociedade.

No entanto, não se pode considerar o modo de endereçamento como um conceito diante de uma análise cinematográfica. Esse conceito é originário dos

estudos do cinema que se direcionam a analisar como o processo de fazer um filme e o processo de ver um filme estão envolvidos numa dinâmica social mais ampla e em relações de poder. Assim, segundo Ellsworth (2001), ainda que o público não possa ser simplesmente posicionado por um determinado modo de endereçamento, esses oferecem inúmeros estímulos que seduzem e recompensam seus espectadores para que assumam estilos aos quais um determinado filme se endereça.

Assim, mesmo que o público que assiste a *Wall.E* não seja posicionado pelos modos de endereçamento lançados pela animação, o filme ainda irá insistir em seduzir o espectador para que atitudes ecológicas sejam assumidas ou pelo menos pensadas. Isso se dá na tentativa de fazer com que os espectadores se tornem sujeitos ecologicamente corretos. O conceito de modo de endereçamento se baseia no argumento de que:

> [...] para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer por um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na "realidade" do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz no final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagens do filme (ELLSWORTH, 2001, p. 14)[grifos da autora].

Diante disso, penso então que *Wall.E* captura seu público por uma simples razão: estamos todos os habitantes de nosso planeta vivenciando uma crise ambiental. Isso acontece porque atualmente estamos sendo interpelados por discursos que nos dizem que devemos cuidar do planeta. Tais discursos nos atravessam diariamente nos mais diversos noticiários, como o caso das enchentes causada nos últimos meses nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo. O que vem acontecendo é uma enxurrada de notícias que nos faz pensar que se não cuidarmos do lixo, por exemplo, vários acontecimentos como os que têm atingido esses dois estados podem se tornar cada vez mais comuns.

Minha escolha não se dá sem uma razão, uma vez que o cinema e a educação ambiental sempre estiveram muito presentes em minha vida. Ambos sempre despertam um fascínio. Isso foi sendo intensificado no mestrado, pois sempre questionava se ambos poderiam manter uma discussão a respeito da situação ambiental mundial. Penso: de que forma estamos nos tornando, ou não, sujeitos ecológicos? Ao perceber cinema como mídia que nos constitui, de que maneira os modos de endereçamento causam um efeito que nos fazem agir em prol

da preservação e prevenção do planeta? De que maneira a educação ambiental deixou de ser uma área exclusivamente ambientalista e passa a abranger aspectos da sociedade? E como os discursos de educação ambiental começam a fazer parte dos roteiros cinematográficos?

Diante desses questionamentos, penso que *Wall.E* traz em sua narrativa o discurso da preservação da espécie humana no que diz respeito à esfera ecológica. Interpela-nos a compreender que a sobrevivência de todas as espécies vivas da Terra não é de responsabilidade de um único sujeito, mas de responsabilidade da própria espécie humana.

É por apresentar em seu discurso uma referência à preservação da espécie humana que me debruço, no próximo capítulo, ao conceito intitulado por Foucault de biopoder. Um poder que se volta para coletividade visando o gerenciamento em prol da vida.

Cena II: O Poder sobre a vida – Biopoder

Quando se pensa na palavra “poder”, logo somos remetidos a pensar de uma forma determinada na e pela modernidade: o poder sendo percebido como algo repressor, negativo, opressor. Mas ao trabalhar com referencial foucaultiano, toda uma concepção de poder é vista sob outra ótica. Aqui o poder é percebido e problematizado através dos ensinamentos e pensamentos deixados pelo filósofo francês Michel Foucault. Minha intenção ao conceituar poder versa sobre o interesse em aprofundar meus estudos no que o autor vai chamar de poder sobre a vida: o biopoder.

Posso dizer que o filósofo tão conhecido por muitos como um pensador que provoca seus leitores a novas formas de ver e perceber o mundo se tornou o principal referencial deste trabalho. Ao trabalhar com seus ensinamentos, busco exercitar meus pensamentos de forma analítica, tentando compreender o seu principal questionamento: “como nos tornarmos aquilo que somos”? Para isso, preocupo-me em pensar como o poder e as suas relações estão presentes em nossa sociedade. Mais precisamente, preocupo-me em pensar as estratégias biopolíticas que o biopoder coloca em operação para ações de preservação do planeta.

Para que possamos entender do que se trata esse poder sobre a vida se faz necessário perpassar meus estudos sobre outros conceitos. Entre eles o conceito de poder, relações de poder, resistência, violência. Minha tentativa será de mapear as tecnologias de poderes anunciadas por Foucault: o poder soberano, o poder disciplinar e, por fim, chegar à tecnologia do biopoder.

Aqui faço das palavras de Gadelha minhas palavras quando ele afirma que: “[...] em se tratando de biopolítica, todos os caminhos passam por Foucault” (2009, p. 22). Sendo assim, para que possamos chegar a esse assunto, penso que é preciso traçar um caminho que perpassa por outros conceitos, dentre eles, o conceito de poder. Num primeiro momento pode causar estranhamento, mas que após muitas e muitas leituras, podemos entender poder como algo que não pode ser passível de ser apropriado. Trata-se de uma relação, procurando buscar, mapear seus modos de funcionamento num contexto social. O conceito de poder possui uma complexidade, pois esse referencial faz com que percebamos poder como algo

produtivo, produtor e inventor de discursos, artefatos e constituidor de verdades. Nos primeiros contatos com suas obras, pude perceber que Foucault não se preocupou em conceituar *o* poder. Sua intenção estava em pensar e problematizar de que maneira esse poder atua em nossa sociedade. Seus estudos versam numa trajetória genealógica que nos leva a perceber que saberes históricos se fazem presentes nas nossas vidas e as relações de poder que se estabelecem. Saberes esses, muitas vezes, silenciados que tomam outra dimensão ao serem estudados, percebidos, repensados por Foucault.

Essa série de estudos, a qual Foucault denominou de genealogia[5], trata-se de retrospectiva crítica-analítica em que se procura indagar, minuciosamente, sobre as lutas que estão presentes nas relações de poder existentes, uma vez que elas são móveis, reversíveis e instáveis. Pensando que o poder sempre fez e fará parte das relações humanas, Foucault afirma que:

> [...] nas relações humanas, quaisquer que sejam elas – quer se trate de comunicar verbalmente, [...] ou se trate de relações amorosas, institucionais ou econômicas -, o poder está sempre presente: quero dizer, a relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro (FOUCAULT, 2006,p. 276).

Para Foucault a relação de poder se torna algo que pode ser modificado e que não está determinada, finalizada. Sendo assim, esse poder assume uma conotação muito especial, pois para ele o poder – tão cobiçado por alguns, temidos por outros e criticado por vários – passa a ser algo que produz, não interessando se o que produz venha a ser negativo ou positivo, mas pensando nele como algo produtivo. É por ser produtivo que ele existe nas relações e se ramifica de uma forma capilar, pois não é fixo. E por esse motivo não pode ser detido por uma só pessoa ou instituição.

A partir do entendimento de poder como algo que produz coisas, induz ao prazer e gera saber é que constituo este estudo. Esse poder é entendido aqui como circulante e denomina uma situação estratégica e complexa em nossa sociedade. O que Foucault faz diante da temática do poder é uma investigação crítica. Ele não se detém em responder para que serve o poder, ou ainda de onde ele vem. Seu estudo

---

[5]- Para Foucault a genealogia funciona como uma "[...] insurreição dos saberes. Não tanto contra os conteúdos, os métodos e os conceitos de uma ciência, mas de uma insurreição sobretudo e acima de tudo contra os efeitos centralizadores de poder que são vinculados à instituição e ao funcionamento de um discurso científico organizado no interior de uma sociedade como a nossa. E se essa institucionalização do discurso científico toma corpo numa universidade ou, de modo geral, num aparelho pedagógico, [...] no fundo pouco importa. É exatamente contra os efeitos de poder próprios

versa na tentativa de entender como ele se exerce numa sociedade; como se dá essa relação de poder entre os sujeitos.

Para entender essa questão, Foucault nos diz que essa relação se dá através de ações. E pensando o poder como uma ação sobre a ação do outro é que devemos considerar, portanto, que o que existe é uma relação de poder, já que para Foucault o termo poder designa relações entre sujeitos.

> O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social (FOUCAULT, 2008, p. XIV).

O poder se exerce de forma difusa, está aqui e ali, não podendo ser fixado em um só lugar, ou em uma só pessoa. Ele se espalha de forma capilar, é móvel, isso porque está engendrado numa relação. Assim como Nietzsche, "[...] Foucault parte do princípio que toda a relação é uma relação de forças. Ora, se *o que é próprio de uma força é estar em relação com outra força,* toda força é já relação e, nesse sentido, relação de poder." (GADELHA, 2009, p. 41) [grifo do autor]. Seguindo esse pensamento, não podemos, portanto, pensar força como algo palpável, possuidora de uma forma. O que podemos pensar é que uma força tem por objeto outra força, ou seja, ela se dá em ações possíveis.

Portanto, para que uma relação de poder seja estabelecida, é necessário que haja dois ou mais lados, onde todas as partes podem, de uma forma ou outra, ser consideradas livres. O poder só poderá ser exercido de forma que, de uma maneira ou outra, exista a possibilidade de resistência, caso contrário, o que teremos será apenas um ato de violência.

Foucault além de ser um pensador foi também um militante, portanto não podemos esquecer que toda relação de poder requer certa resistência. O filósofo afirma: "não há relação de poder sem resistência" (1995, p. 248), o que significa que toda a ramificação do poder está presente numa sociedade, da qual ninguém escapa. Nessa sociedade existem possibilidades de resistência em pontos transitórios distribuídos por toda sua estrutura social que não devem ser pensadas como forma de contradição, sendo a resistência uma forma que pode ou não se apresentar através de pequenas rupturas.

---

de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar o combate" (FOUCAULT, 1999, p. 14).

Sendo assim, toda a sociedade requer, de certa forma, uma relação de poder e, por isso mesmo, dá espaço à possibilidade de resistência.

> Viver numa sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível alguns agirem sobre a ação dos outros. Uma sociedade "sem relações de poder" só pode ser uma abstração. [...] Pois, dizer que não pode existir sociedade sem relação de poder não quer dizer nem que aquelas que são dadas são necessárias, uma fatalidade incontornável; mas que a análise, a elaboração, a retomada da questão das relações de poder, e do "agonismo" entre relações de poder e intransitividade da liberdade, é uma tarefa política incessante; e que é exatamente esta a tarefa política inerente a toda existência social" (FOUCAULT, 1995, p.245-246) [grifos do autor].

Nesse caso, o poder deve ser considerado um conjunto de ações sobre ações possíveis, operando no campo de possibilidades. Ele será sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos, conduzindo-os a um comportamento de maneira correta num campo mais ou menos aberto às possibilidades. Sendo assim, o seu exercício torna-se, na ordem da probabilidade, o exercício de "conduzir condutas". Certamente tal exercício só é possível por estarmos diante de sujeitos "livres", considerando essa liberdade como uma liberdade é regulada (SILVA, 1999). Considerando "livres" os sujeitos individuais ou coletivos, possuidores de condições de possibilidades que proporcionam o aceite a tal conduta ou, então, pequenas rupturas a certas determinações, ações, reagindo, portanto, de forma a resistir à ação pela qual estão sendo expostos. Sendo assim, concluo que para que haja poder se faz necessária a existência de uma liberdade.

> [...] Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade escapa); mas um jogo muito mais complexo: nesse jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder. [...] porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim, a determiná-la inteiramente (FOUCAULT, 1995, p. 244).

No campo da educação ambiental é possível considerar esse jogo de poder quando somos interpelados por propagandas carregadas de discursos ecológicos que nos capturam a agir, intervir e a pensar de forma preservacionista no que diz respeito ao planeta. Aqui, não pretendo de qualquer maneira defender ou atacar tais campanhas, e sim tenho por finalidade problematizar sobre: que discursos são esses que colocam a educação ambiental numa emergência na atualidade? Que relações de poderes estão sendo estabelecidas entre os meios de comunicação de massa e os indivíduos? Ao mesmo tempo, dirijo meu pensamento às possibilidades de resistências possíveis de serem exercidas mediante situações tão emergenciais. Trago aqui como exemplo uma propaganda de uma campanha da rede WWF, "A

hora do planeta", para ilustrar essa relação de poder estabelecida pela mídia. Tal propaganda instiga seus telespectadores a fazer parte de um ato simbólico diante da preocupação com o aquecimento global mantendo as luzes apagadas por um tempo determinado de 60 minutos, a propaganda instiga a população mundial a participar do ato simbólico, pois ao ficar de fora do evento, causaria a sensação de não ter feito parte de um gesto mundialmente significativo para o futuro do planeta.

Que relações de poderes, e igualmente pensando, que resistências a esse movimento global se tornam possíveis? A recusa a esse jogo de poder poderia, no entanto, acarretar num sentimento de "culpa ecológica". Que verdades são produzidas por esses jogos de poder numa sociedade? Assim, podemos pensar que a educação ambiental cria estratégias que estabelecem um mecanismo de poder na sociedade, produzindo discursos que nos constituem como sujeitos politicamente corretos, numa época em que o campo da educação ambiental se tornou tão evidente e preponderantemente importante.

> [...] seria preciso ir mais longe e dizer que não apenas esses jogos de poder em torno da vida e da morte, da razão e da loucura, da lei e do crime assumiram atualmente uma intensidade que não tinham, pelo menos no período imediatamente precedente, mas que a resistência e as lutas que se desenrolam não têm mais a mesma forma. Atualmente trata-se mais, no essencial, de participar desses jogos de poder de modo a fazer respeitar mais sua própria liberdade ou seus direitos; não se deseja simplesmente mais jogos desse tipo. Não se trata mais de confrontos no interior desses jogos, mas sim de resistências ao jogo e de recusa do próprio jogo (FOUCAULT, 2006, p.46-47).

Ao que parece, é impossível não participar desses jogos de poder, uma vez que eles estão imersos no cotidiano na sociedade, seja de forma direta ou indireta, os discursos atingiram um nível explicito. Quero dizer com isso que diariamente somos interpelados por discursos que nos atravessam, mas sempre temos como saída resistirmos a eles, problematizar os efeitos de verdades que são estabelecidos por essas relações de poderes. E assim através de minúcias, de gestos pequenos, resta-nos pensar de que forma podemos resistir causando pequenas fissuras, rachaduras nesse jogo.

Tais relações de poder sempre se fizeram presentes tanto no poder disciplinar quanto na busca pela gestão da vida. O que não se pode negar é que as relações numa sociedade estão pautadas no e pelo poder, o que significa dizer que as relações de poder estão expostas na sociedade de forma a encontramos sob as mais diversificadas formas, seja nos discursos da educação ambiental, seja nos

dispositivos da sexualidade, seja referente à loucura. Essas relações são móveis e são suscetíveis à modificação a partir do momento em que são estabelecidas numa sociedade.

Se pensarmos na Idade Média, vemos outras formas de lidar com o poder que certamente não são da mesma ordem que a do poder disciplinar e a do biopoder. Assim, na soberania, o poder se dava sob a forma de ameaça. Quando o rei via-se ameaçado, colocava em operação o seu direito de vida e de morte. Esse direito era visto como poder sobre seus súditos, o qual não poderia ser contestado. Ao ver suas leis infringidas, ao soberano era dado o direito de fazer valer seu poder sobre a vida de quem as infringia, levando-o a morte, se necessário. Aqui o poder era exercido sob o mecanismo do confisco, seja através de bens materiais ou sob a própria vida, mas ao soberano era dado esse direito de apropriação.

> O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direto de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la (FOUCAULT, 2009, p. 148).

Um exemplo que Foucault traz, em Vigiar e Punir (1987), é a figura do soldado a quem, diante desse poder soberano, era disponibilizado que lutasse a favor do território do soberano, protegendo as riquezas e colocando sua vida em prol da proteção de seu rei. O que ocorre na segunda metade do século XVIII é a fabricação de outro tipo de soldados, não mais recrutados pelo soberano. Nesta época, o controle seria feito através de um adestramento do indivíduo, voltando-se para o corpo, para o detalhe, com objetivo de manter esse corpo no nível da mecânica – corpo máquina – que teria por finalidade a relação docilidade-utilidade, o que se daria através do que podemos chamar de disciplina. Sendo assim, o soldado que colocava sua vida em benefício do seu rei, na monarquia, era considerado como armadura. Já o soldado adestrado, disciplinado, seria pensado de forma a colocar em operação métodos que permitissem o controle minucioso do corpo fabricado pela disciplina. Deixava-se de se pensar apenas no corpo como objeto e alvo de poder para então voltar a atenção para esse corpo passível de manipulação, modelação e controle.

O aparecimento dessa nova tecnologia de poder fez com que a estratégia utilizada pela soberania, a obediência através da ordem, aos poucos fosse sendo deslocada para outras técnicas utilizadas no poder disciplinar, tais como: a vigilância, a sansão normalizadora e o exame. O que antes, na monarquia, era dado

através da observação aos suplícios, posteriormente deslocaria-se para os processos que levassem os indivíduos a um disciplinamento, um controle e uma vigilância estabelecida através das instituições sociais.

Nessa época, portanto, entra em operação o poder disciplinar que se centra na alma e no corpo, num corpo individual. Essa técnica tem por objetivo adestrar o corpo do indivíduo de forma que ele possa corresponder às exigências do convívio numa sociedade. Para isso, são criadas instituições, chamadas por Foucault de instituições de sequestros, tais como a escola, o hospital, o quartel, a prisão. Estas serviam, e ainda servem, para capturar esses sujeitos. Aqui o pensamento versa sobre as formas de tornar esses corpos produtivos, mantendo-os úteis e ao mesmo tempo dóceis. O disciplinamento faz com que o indivíduo se torne produtivo, numa dimensão mercantil e política.

O poder disciplinar atua como um controlador social, uma vez que se apresenta de forma política fazendo dos indivíduos, adestrados e disciplinados, sujeitos sujeitados aos discursos de verdades existentes. É dentro de um sistema político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado que esses assujeitamentos não são da ordem da violência. São, certamente, mais sutis e possíveis devido às produções de saberes, um saber sobre o corpo, um controle, uma vigilância, todo um conhecimento que se volta para uma microfísica do poder posta em jogo pelos mecanismos disciplinares.

Esse poder – dirigido pela disciplina – é um poder que se exerce continuamente através da vigilância e não pela obrigação como anteriormente era percebido no poder soberano. O poder soberano se faz muito mais na ordem da proteção de um território e seus produtos, do que na ordem dos corpos e de seus atos. O poder soberano está na ordem do direito, assim como a disciplina, criada pela burguesia, está na ordem do adestramento e da vigilância dos corpos e almas. “Um direito de soberania e um mecanismo de disciplina: é dentro destes limites que se dá o exercício do poder” (FOUCAULT, 2008, p. 189).

Vejo, então, o poder soberano atuando como um sistema de direito e, por outro lado, a disciplina criando o aparelho do saber e seus múltiplos domínios de conhecimento. A disciplina cria os discursos, que não são os ditos pela lei, – como na soberania –, mas os criados pela norma. Na verdade, nos tornamos conhecedores de que para viver em sociedade devemos seguir certos padrões de

comportamentos ditados pelo poder disciplinar, de certo modo, todos compreendemos de que forma “o que é ser e como se deve ser disciplinado” (VEIGA-NETO, 2007 p. 71).

Na educação ambiental isso se torna evidente quando, ao sermos interpelados pelos discursos simples de que “ao escovar os dentes devemos manter a torneira fechada”, se percebe a disciplina operando nos corpos e tornando-os dóceis. São esses discursos de verdade, anunciando que vivemos numa crise ambiental, que criam em nós a preocupação com o planeta, buscando pensar e agir corretamente. E isso se dá porque já estamos todos disciplinados, adestrados a seguir certas condutas. É porque somos sujeitos disciplinados, convivendo em sociedade, que acreditamos e assumimos o discurso da preservação e prevenção da Terra. Com essas interpelações e capturas a partir de alguns discursos, vemos sendo posto em prática o poder disciplinar operando e atuando conjuntamente com o biopoder.

Na animação *Wall.E* é perceptível esse poder disciplinar operando, não voltado somente para a preservação do planeta, mas também no sentido do adestramento dos corpos dos sujeitos. Os indivíduos sobreviventes, enclausurados numa espaçonave, são colocados num determinado espaço-tempo, tornando possível uma convivência social. A condição de sobrevivência faz com que todos os indivíduos sigam certas determinações para que esse convívio social seja viável. Sendo assim, parece que estamos revivendo aquilo que o filósofo iluminista nos ensinou: o contrato social de Rosseau[6].

No filme, a cena 14 evidencia a figura dos humanos representada por personagens obesos, que só conseguem se deslocar com o auxílio de cadeiras flutuantes. Tais sujeitos não possuem a permissão de andar por onde desejam, pois a permissão decorre apenas por linhas delimitadas. Nesta cena, portanto, é possível perceber a disciplina operando no corpo individual, pois todos os humanos são totalmente disciplinados, uma vez que as determinações impostas já não são mais determinações de outros, mas determinações constituídas por eles mesmos. É essa disciplinaridade cotidiana que volta o olhar de cada indivíduo para si mesmo, que faz da vigilância uma prática constante do poder disciplinar, tornando-o imperceptível,

atuante e necessário. “A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações”. (FOUCAULT, 1997, p. 125).

Já em outra cena, muito curta mas não menos importante, se percebe a disciplina que opera não somente no corpo, mas na alma dos sujeitos. No filme, podemos perceber que mesmo se tratando de futuro, a sala de aula não deixa de existir na sua forma mais tradicional. Pode parecer um paradoxo, mas quando surge essa pequena cena em que aparecem as crianças da AXIOM numa sala de aula, podemos perceber que mesmo com o uso da tecnologia a forma de ensinar permanece a mesma. As crianças estão todas sentadas em fileiras, obedientes, uniformizadas ao mesmo tempo repetindo o discurso dado pelo computador que lhes ensina que: “AXIOM é o seu novo lar” e que a “BNL é sua melhor amiga”. Nesta cena podemos perceber a disciplina operando sobre os corpos das crianças mantendo-as disciplinadas e fazendo com que as mesmas sejam preparadas para o convívio em sociedade. Relembro aqui que a AXIOM é a espaçonave criada pela BNL, a megaempresa que governa o mundo. Sendo assim, é possível, na cena em questão, perceber essa técnica de poder operando no corpo do homem-ser-vivo, do homem-espécie, o corpo percebido como objeto e alvo de poder. “O corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1997, p. 117). O poder disciplinar exerce sobre os corpos das crianças que nasceram na espaçonave AXIOM, que desde muito cedo estão dispostas a esse adestramento do corpo e da alma, um disciplinamento que tem por objetivo controlar, esquadrinhar e recompor. Essa maquinaria de poder mantém sobre esses corpos uma “mecânica do poder” que define os gestos, as atitudes que, ao serem estabelecidos, se fazem necessários para que haja um convívio em sociedade.

E esse disciplinamento é passado aos indivíduos através da escola, denominada por Foucault como uma das instituições de sequestro, que tem por finalidade exercer sobre os corpos um controle, desde muito cedo, demonstrando, determinando as normas exigidas, estabelecidas por uma sociedade. Ou seja, na

---

[6] Este é um conceito pensado pelo filósofo suíço do século XVIII, autor clássico do Iluminismo que prevê a organização da sociedade através de um pacto a ser produzido em associação com os

cena que mostra as crianças sendo adestradas desde muito cedo, deixa claro que para haver uma convivência harmônica nesta sociedade criada pela BNL, o controle e o adestramento são necessários. Isso me faz pensar que se não houvesse esse disciplinamento, através da escola, por exemplo, não seria possível a convivência de milhares de seres humanos limitados a um espaço delimitado – no caso da animação, a espaçonave AXIOM.

Portanto, o poder disciplinar é exercido, também, através do espaço escolar, por se tratar de uma instituição criada com intuito de instaurar a ordem colocando em funcionamento a articulação entre o saber e o poder, já que é nela que os saberes circulam e através dela que se dá a sua distribuição. Como Veiga-Neto (2006, p. 31) afirma, "é a ela, à escola, que podemos creditar a maior parte do sucesso do projeto moderno de instaurar a própria sociedade disciplinar". Essa sociedade disciplinar é constituída e organizada de forma que os procedimentos que a regulam e a controlam sejam instaurados através de normas. "É enquanto é saber quem tem poder" (MACHADO, 2008, p. XXII).

Percebo, pelos estudos foucaultianos, que esse corpo adestrado é também foco do meu trabalho, pois essa tecnologia de poder funciona conjuntamente com o biopoder. A tecnologia disciplinar não se exime quando o biopoder entra em operação, pois se trata de outro nível, de outra escala, que requer outros instrumentos totalmente diferenciados dos que são utilizados pelo poder disciplinar. É o que Foucault afirma na aula de 17 de março no curso ministrado no Collège de France em 1976:

> Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. (FOUCAULT, 2005, p. 288-289).

A tecnologia que se desenvolve a partir da metade do século XVIII centra-se no corpo-espécie, preocupada com os processos biológicos no nível da saúde, do nascimento, da mortalidade e do prolongamento da vida numa bio-política da população. É, portanto, nesse poder sobre a vida, que detenho, mais fortemente, meu estudo com intenção de problematizar como podemos entender a educação ambiental como um campo de saber que coloca em operação os mecanismos de

---

indivíduos na busca pelo melhor convívio entre todos em uma dada sociedade.

seguridade. Meu pensamento se volta para um corpo múltiplo denominado “população”.

Através do desenvolvimento dos conhecimentos relativos à vida, de uma forma geral, é que os procedimentos de saber-poder sobre a espécie humana se voltam. Entende-se, assim, que é através da vida, ou melhor, do prolongamento da vida, que o domínio dessa nova técnica de poder cria estratégias biopolíticas que têm por objetivo gerenciar a preservação e a prevenção da vida da coletividade.

Quando o biopoder entra em operação, ele volta-se não mais para o indivíduo e suas multiplicidades, a preocupação agora é no nível da coletividade, chamada por Foucault de população. Essa população percebida como sujeito político, aparece como objeto, ou seja, é aquilo sobre o qual os mecanismos de seguridade irão dirigir suas forças para obter certos efeitos, certos comportamentos. Esse conceito de população não pode ser confundido com a noção de povo, pois para Foucault (2008a) o povo significa os sujeitos que fogem, burlam, resistem à regulação da população.

No momento em que o biopoder entra em operação, a população já se encontra disciplinada, portanto a disciplina não é descartada quando o biopoder opera, mas é chamada em auxílio. Faz-se necessário que essa população esteja disciplinada para que os dispositivos de segurança possam agir. A disciplina regula no detalhe, não deixando escapar nada. Quando houver uma infração, a disciplina estará atuando no sentido de corrigi-la. Já os dispositivos de segurança agem de outra maneira:

> A segurança tem por função apoiar-se nos detalhes que vão ser valorizados como bons ou ruins em si, que vão ser tomados como processos necessários, inevitáveis, como processos naturais no sentido lato, e vai se apoiar nesses detalhes que são o que são, mas que não vão ser considerados pertinentes, para obter algo que, em si, será considerado pertinente por se situar no nível da população. (FOUCAULT, 2008a, p. 60).

A segurança não impede e nem obriga, não atua na ordem do que é obrigatório e proibido, mas atua sim na ordem do que se produz na realidade. Vale lembrar que, para Foucault, a realidade é sempre produzida por nós. Portanto, ao considerar a educação ambiental como um mecanismo de segurança, quero dizer com isso que ela não vem para dizer o que se pode ou não fazer, mas é criada no sentido de produzir dentro da nossa realidade o que se pode regular. A lei proíbe, a disciplina prescreve o que se deve ou não fazer e a segurança procura responder a certa realidade, no sentido de regular essa realidade. E é essa regulamentação que

fará com que os dispositivos de segurança se tornem indispensáveis para que o biopoder opere.

Assim, essa última tecnologia de poder anunciada por Foucault não é algo negativo ou que deve ser excluído da sociedade. Aliás, como Foucault nos ensinou, e como já mencionei anteriormente, o poder é da ordem da produtividade. Diante da vida social e ambiental que temos na atualidade, não resta dúvida que essas estratégias colocadas em operação servem, no mínimo, para pensarmos nos espaços em que nos situamos e propormos modificações importantes e necessárias para a vida na terra. O que talvez seja necessário pensarmos é que as ações que realizamos não são da ordem da benevolência com nosso planeta, ou então que somos livres para escolher se agimos dessa ou daquela maneira. Somos, cotidianamente, interpelados, capturados pela trama do poder. Nossa liberdade é bem mais uma ativação de estratégias que nos capturam e nos fazem crer que nossas ações são indispensáveis e bem menos uma escolha “livremente” nossa.

Diante disso, percebemos que hoje fazemos parte de um mundo que é pautado pela prevenção, pela seguridade da população. Há algo errado nisso? Nem tanto. Talvez a educação ambiental seja uma importante ferramenta para pensarmos no nosso futuro. De todo modo, o biopoder está aí, agindo, intervindo e interpelando nossas vidas e nossas ações. Resta, ao menos, pensarmos produtivamente nessas questões.

E pensando como o biopoder está presente na educação ambiental, vimos, na animação *Wall.E,* como são criadas estratégias que atuam perante a população de forma, muitas vezes, sutis e imperceptíveis. No desenho, podemos perceber que para que os seres humanos sobrevivam aos altos níveis tóxicos do planeta, a BNL utiliza como estratégia a diversão, pois convida a todos a fazerem um belíssimo e aconchegante cruzeiro a bordo da AXIOM. Aqui a estratégia biopolítica atua em prol da sobrevivência da espécie humana. É o que podemos perceber no início do filme através de uma propaganda holográfica:

> A jóia da frota da BNL, a AXIOM. Faça seu cruzeiro de cinco anos. Com estilo servido 24 horas por dia, por uma equipe totalmente automatizada, enquanto seu comandante e piloto automático traçam a rota. E com nossas cadeiras flutuantes, até a vovó pode se divertir. Não precisa andar! AXIOM a definição de luxo do cruzeiro executivo. Porque para a BNL, o céu é o limite para diversão. (WALL.E, 2008).

Trago esse excerto para mostrar como a população se torna o foco principal dessa nova arte de governar. É pelo interesse por essa população e sua

sobrevivência que são criadas táticas e técnicas, que buscam um saber que mostre como governar de forma racional. É porque existe um interesse em governar essa população que o biopoder opera. E é entendendo por arte de governar o conjunto de estratégias, cálculos, táticas que permitem exercer essa forma de poder que tem por finalidade a população, que os mecanismos de segurança se tornam essenciais. Sendo assim, não poderia deixar de considerar a educação ambiental como um mecanismo de segurança, pois ela cria maneiras de regulamentar essa população. É pensando que o biopoder investe na vida e no homem enquanto ser vivo que apoio minhas ideias ao tentar propor a discussão entre educação ambiental e biopoder.

Penso então: de que maneira a educação ambiental vem sendo operacionalizada como um mecanismo de segurança que trata a vida como um processo político-econômico? Isso me leva a pensar a educação ambiental como um discurso que vem se proliferando como forma de sobrevivência. Discurso esse muito presente na animação, pois fica claro que se não cuidarmos do planeta, um dia teremos que explorar outros espaços para podermos, assim, sobreviver.

Durante as primeiras imagens do filme, podemos perceber um planeta tomado por pilhas de lixo que se misturam aos aranha-céus, lixo esse deixado pelos seres humanos, cuja quantidade nem mesmo as máquinas criadas para reciclar dão conta. O ser humano, não contente em explorar todos os recursos naturais da Terra, continua sua exploração em outros planetas, como podemos perceber, em uma das cenas, a lua como sendo um dos planetas já explorados. São esses discursos evidentes na animação que fazem pensar o quanto esse campo de saber vem tomando outras proporções em nossa sociedade e se tornando uma estratégia biopolítica da espécie humana. É preciso gerenciar a população, na sua multiplicidade, para que se possa garantir um futuro.

Penso futuro, dentro da perspectiva desse estudo, pautada na ideia com a qual Foucault (2008a) trabalha: aquilo que se pode prever e organizar podendo, assim, planejar, articular estratégias voltadas para a população como forma de conhecer aquilo que poderá vir a acontecer. E é essa ideia de futuro que percebo vinculada à educação ambiental anunciada na animação *Wall.E*, como forma de prever o que pode acontecer com o planeta, caso as estratégias que se voltam para

a população não forem pensadas em favor da preservação e da prevenção do planeta.

Ao trabalhar com a educação ambiental, não posso deixar de lado a preocupação maior que diz respeito ao futuro. Entendo que não podemos produzir um futuro, pois não devemos considerar o futuro como algo controlável. Devemos, sim, problematizar o que poderá acontecer com o meio ambiente a partir de nossas ações e das verdades que instauramos nesta atualidade. Foucault (2008a) trabalha com a ideia de futuro não o identificando como controlado, mas entendendo futuro como o que pode acontecer.

> [...] vai se trabalhar com o futuro, isto é, a cidade não vai ser concebida nem planejada em função de uma percepção estática, mas vai se abrir para um futuro não exatamente controlado nem controlável, não exatamente medido nem mensurável, e o bom planejamento da cidade vai ser precisamente: levar em conta o que pode acontecer. (FOUCAULT, 2008a, p. 26).

A animação *Wall.E* me parece relevante dentro da educação ambiental, não somente pelo fato de apresentar uma discussão referente aos assuntos ecológicos, mas alertando para as relações que estão sendo construídas na atualidade, perante nós mesmos, aos outros, à sociedade, ao ambiente, à família e a toda e qualquer relação.

Podemos identificar na animação um discurso voltado para a coletividade, uma vez que se não for dada a devida importância para a questão da sustentabilidade do planeta, poderemos todos sofrer suas consequências. Assim, o discurso está diretamente relacionado ao biopoder, colocando em operação estratégias de gerenciamento da vida social na sua coletividade.

> [...] a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 2005, p.289).

A partir da citação do autor, percebo essa tecnologia de poder como uma estratégia biopolítica que se volta para um corpo massificado, que atua não sob imposição, mas que age de maneira sutil, fazendo os sujeitos sujeitarem-se a uma trama do poder. Na educação ambiental, se percebe esse poder atuando sob forma de discursos, não raros de serem encontrados, anunciando que para sobreviver é preciso preservar e para preservar é preciso prevenir. Essa estratégia biopolítica se volta para esse corpo múltiplo, de modo que a preservação do planeta passa a ser percebida como uma das possibilidades de manter a sustentabilidade da Terra.

Na cena 26, quando o Comandante descobre que existe a possibilidade de haver fotossíntese na Terra, o que possibilitaria o retorno a Terra, Auto nega, afirmando que a permanência na espaçonave é a única maneira de sobreviverem. Neste momento o comandante diz uma das frases que acredito ser a mais enigmática da animação. Encorajado a enfrentar todos os problemas que poderá encontrar na superfície da Terra o comandante afirma: “Não quero sobreviver, quero viver” (WALL.E, 2008) preferindo portanto voltar e reconstruir o lhes foi deixado como herança por seus ancestrais.

Os discursos de prevenir para preservar não são muito difíceis de serem encontrados no campo da educação ambiental. Discursos que nos fazem pensar no futuro dos nossos filhos que só será possível através da preservação e prevenção das riquezas naturais e do cuidado com o Planeta. Pensando nisso é que percebo a educação ambiental cada vez mais como uma estratégia biopolítica que busca a preservação da humanidade.

São os discursos, disseminados principalmente pela mídia, de que o mundo irá acabar se o homem não tomar “consciência” de suas ações perante o planeta, que causam certa desacomodação, surgindo assim, a sensação de medo e terror. Seria essa uma das formas de regular a população? Seriam essas estratégias utilizadas pela educação ambiental como forma de conduzir as condutas dos indivíduos? Ao que parece, estamos vivendo uma crise ambiental que, mais do que efeitos climáticos, captura-nos através de efeitos audiovisuais que nos acometem pelo terror e medo do que poderá acontecer, caso não cuidemos do planeta. “Salve o Planeta! Uma Hora vai voltar para você. Conserve seu Planeta, Ainda dá tempo!” (Campanha WWF, 2010). Um exemplo disso são as mídias que direcionam cada vez mais seus objetivos para a educação ambiental incluindo assim o cinema, o que já é possível identificar através da produção de diversos filmes que tratam dessa temática.

Pensando que o biopoder tem como finalidade a regulação, o equilíbrio e a homeostase da população, identifico, portanto, na animação que a “Operação Recolonização” trata-se de uma estratégia biopolítica, que tem por finalidade a fecundidade da espécie humana, na tentativa de reproduzir as condições de existência de uma população que antes habitava a Terra.

> Saudações comandante e Parabéns! Se está vendo isto, quer dizer que nossa Examinadora de Vegetação Alienígena, sonda EVA, retornou da Terra com uma mostra confirmada de fotossíntese.
> É isso mesmo. Isso significa que é hora de voltar para casa. Agora que a Terra voltou a ser habitável, puxa, poderemos começar a **Operação Recolonização (A 113)**. Basta seguir as instruções desse manual para posicionar a planta no detector holográfico de sua nave e a AXIOM voltará imediatamente para Terra. É muito fácil, porém devido aos efeitos da microgravidade, você e seus passageiros podem ter sofrido uma leve perda de estrutura óssea. Mas estou certo de que algumas voltas na pista de corrida da nave o ajudarão a entrar em forma rapidamente.Se tiver mais alguma pergunta basta consultar o manual de operações. Nos vemos em casa em breve! (WALL.E, 2008).
>
> Dá para parar! Ei, pilotos automáticos. **Tenho más notícias a operação limpeza falhou**. Aparentemente os crescentes níveis de tóxicos deixaram a Terra inabitável. Droga, teremos que **cancelar a operação Recolonização**. Então mantenham a rota, **ao invés de consertar esse problema é mais fácil que todos permaneçam no espaço**. **Vou cancelar a diretriz A113.** Controlem a nave, assuma o controle de tudo e não voltem para Terra. **Repito, não voltem para a Terra**." (no final o presidente coloca uma máscara de oxigênio no rosto) (WALL.E, 2008) [grifos meu].

É pensando na continuidade da população e os efeitos que a microgravidade causaria nos indivíduos, que foram colocadas pistas de corrida na espaçonave, como uma estratégia visando a um cuidado com o corpo humano dos indivíduos para que os mesmos pudessem voltar a caminhar e assim retornar à Terra dando seguimento à "Operação Recolonização".

Quanto ocorre a transmissão de uma nova mensagem, deixada pelo presidente da BNL cancelando a operação, e ao mesmo tempo passando o controle da espaçonave aos pilotos automáticos, podemos perceber que o presidente toma a decisão de que "é mais fácil permanecer no espaço" do que tentar resolver o problema do planeta. Fica evidente que se trata, portanto, de uma decisão que tem por objetivo a sobrevivência da espécie humana. O que significa dizer, com isso, que a decisão tomada pelo presidente da BNL, de manter os seres humanos no espaço, não pode ser considerada como um boicote ao retorno a Terra, mas no sentido de ser uma estratégia biopolítica que visa garantir o que era melhor e possível para os seres humanos sobreviventes frente à situação de crise ambiental.

Tomo por conceito de crise o que Foucault designa como sendo o conjunto de fenômenos regulares que fazem com que uma situação se torne controlável somente por meio de mecanismos artificiais, ou também por mecanismos naturais, porém enigmáticos. "A crise é esse fenômeno de disparada circular que só pode ser controlado por um mecanismo superior, natural e superior, que vai freá-lo, ou por uma intervenção artificial" (FOUCAULT, 2008a, p.81).

O governo[7] das populações consiste, portanto, na administração desse personagem que surge em meados do século XVIII: a população. As preocupações com a população se pautam não somente no pensamento político, mas também, nas técnicas e nos procedimentos de governo. É porque se torna importante o indivíduo coletivo que surgem novas formas de governar, voltadas para o bem-estar dessa população. E, sendo assim, articulo a educação ambiental como mecanismo de segurança de uma população. É pensando nesse corpo social, coletivo, que são criadas estratégias que se voltam de forma a direcionar, conduzir, estimular esses indivíduos em prol de uma conservação planetária.

Outro fato que gostaria de ressaltar articulando ao biopoder, diz respeito ainda às cenas descritas no último excerto, que demonstram a relevância e importância dada às questões da ecologia no campo da educação ambiental. Quando a fotossíntese é mostrada como condição primordial de existência na Terra, podemos identificar o discurso da educação ambiental de que devemos preservar a fauna e a flora. Percebo o quanto esses discursos vão tomando proporções cada vez maiores, ocupando outras dimensões que não somente da educação ambiental, mas abrangendo outras áreas como: a comunicação, a economia, a educação, a ciências sociais e as culturais.

O poder sobre a vida torna-se de fácil identificação por estar presente nas diversas formas de se governar, seja na área da saúde, da cultura, da comunicação, da política, da economia. Ao se trabalhar com Foucault, é possível perceber o biopoder atuando em nossas vidas cotidianamente. Ao identificarmos diferentes espaços e situações nas quais as estratégias biopolíticas são colocadas em operação, é fácil perceber essa tecnologia como um poder que permanece sempre atual.

Para finalizar, penso que, ao propor a discussão entre biopoder e educação ambiental tendo *Wall.E* como *corpus* discursivo, me remeto a pensar outras possibilidades no campo da educação ambiental. Na tentativa de pensar o pensamento é que me proponho a discutir, refletir essas duas temáticas, que com certeza não se encerram aqui, mas que ao ter acesso a alguns ensinamentos

---

[7] - O sentido da palavra governo na perspectiva foucaultiana é a relação entre segurança, população e o governo das pessoas, ou seja, o ato de governar. No século XVIII a arte de governar dá visibilidade a população e, portanto início a economia política.

deixados pelo filósofo Michel Foucault me inquieta e me remete a outros tantos questionamentos aos quais pretendo ater-me com mais intensidade na continuidade dos meus estudos.

A seguir, proponho continuar a desdobrar os discursos anunciados em *Wall.E*. Para isso, convido o leitor a lançar-se na possibilidade de perceber a educação ambiental como um dispositivo de segurança.

Cena III: O campo das mídias governando e constituindo sujeitos ecológicos

Neste capítulo tenho por objetivo trabalhar o conceito de educação ambiental, entendendo-a como um dispositivo, a partir das contribuições do filósofo francês Michel Foucault (2008, 2009). Com tal referencial, debruço minhas ideias mostrando como os diferentes discursos de educação ambiental atravessam e interpelam os sujeitos da nossa sociedade contemporânea. A proposta é articular o conceito de dispositivo a partir de duas características, a saber: de uma "urgência histórica", mostrando como os discursos da educação ambiental respondem estrategicamente a algumas emergências da atualidade, e de uma "rede heterogênea de discursos", pautada em diferentes locais de disseminação do campo de saber da educação ambiental: político, legal e midiático.

Na sequência deste mesmo capítulo, tomo como principal análise os discursos do filme de animação *Wall.E*, problematizando os ditos acerca do lixo, do consumo e dos diversos enunciados que constituem o campo da educação ambiental nesta ferramenta midiática que é o cinema. Para finalizar, considero a educação ambiental ecosófica de Guattari (1991) como uma nova possibilidade para este campo de saber.

3.1 A Educação Ambiental como dispositivo de segurança

Nesta primeira seção, tenho por objetivo trabalhar a educação ambiental como um dispositivo de seguridade que, através dos seus discursos, no âmbito político, legal e midiático, vem interpelando os sujeitos na sociedade contemporânea. Assim, inicialmente tratarei o conceito a partir de Foucault (2008). Em seguida, evidenciarei porque tomarei a educação ambiental como um dispositivo anunciando, para isso, sua urgência histórica e alguns de seus diferentes e heterogêneos discursos que a consolidam na atualidade.

Partindo do princípio de que a educação ambiental pode ser percebida como dispositivo, me debruço sobre esse conceito, pautada na teoria foucaultiana que o define como sendo uma estrutura de elementos heterogêneos que podem ser considerados como tudo o que é dito e não dito (FOUCAULT, 2008). Para o filósofo, aquilo que é dito refere-se a tudo que é discursivo e que ou produz um saber ou por ele é produzido. Com isso, não quero dizer que o não discursivo não produz um saber, mas, por outro lado, o não dito, ou seja, o não discursivo é considerado tudo que está em jogo: as práticas, o cenário social, político, econômico, cultural, etc. Tanto o discursivo como o não discursivo passam a fazer parte dessa estrutura de elementos heterogêneos formada por uma série de discursos que podem ou não sofrer modificações, transformações conforme a necessidade e o momento.

Foucault (2008), em sua primeira fase de estudos, intitulada por Veiga-Neto (2007) de ser-saber[8], toma a episteme[9] como objeto descritivo arqueológico. Em sua segunda fase, chamada de ser-poder (VEIGA-NETO, 2007), toma o dispositivo como seu objeto. Isso ocorre em meados da década 70, em que Foucault se detém nas questões referentes às análises do poder. Na primeira fase, o autor tinha como foco analisar os discursos produzidos nas diferentes epistemes; na segunda fase passa a preocupar-se mais amplamente com a análise do poder referente ao discursivo e ao não discursivo. Portanto, é nessa fase que o dispositivo passa a ser definido como sendo mais amplo e geral do que a episteme (FOUCAULT, 2008). A partir daí, Foucault passa a analisar os diversos dispositivos: dispositivo disciplinar, dispositivo carcerário, dispositivo de poder, dispositivo de saber, dispositivo da sexualidade, dispositivo de aliança e assim por diante. Diante disso, tenho por intenção mostrar como a educação ambiental pode ser considerada um dispositivo de seguridade, entendendo que os seus diversos discursos se voltam para um único objetivo: a preservação e prevenção do planeta.

---

[8] Utilizo a denominação de Alfredo Veiga-Neto (2007) a respeito dos estudos de Michel Foucault desenvolvidos ao longo da sua vida, por entender este autor como um potente estudioso do filósofo francês. Nesse sentido, Veiga-Neto nos diz que há três domínios de estudos sobre o sujeito em Foucault, quais sejam: ser-saber, ser-poder e ser-consigo.

[9] A episteme designa um conjunto de condições, de princípios, de enunciados e regras que regem sua distribuição, que funcionam como condições de possibilidades para que algo seja pensando numa determinada época. “Trata-se de um arranjo de possibilidades de discursos que acaba por delimitar um campo de saberes e por dizer quais são os enunciados proibidos ou sem sentido (porque estranhos à episteme) e quais são os enunciados permitidos; e entre os últimos, quais são os enunciados verdadeiros e quais são os falsos”. (VEIGA-NETO, 2007, p. 96).

Tomo a educação ambiental como um dispositivo por entender que, como tal, passa a ser percebida como uma rede que se estabelece entre elementos heterogêneos, tais como: discursos, instituições, regras, leis, políticas, enfim, tudo aquilo do que é dito e não dito nesse campo de saber.

Foucault trabalha mais amplamente o conceito de dispositivo em sua obra *História da Sexualidade: a vontade de saber* (2009a), mas é na transcrição da entrevista realizada na *International Psychoanalytical Association* (IPA), publicada em seu livro *Microfísica do Poder* (2008) que denomina dispositivo como:

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciado científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2008, p. 244).

Além disso, o dispositivo também pode ser definido por sua gênese. Foucault estabelece dois momentos essenciais: num primeiro momento, como objetivo estratégico e, num segundo, a constituição do dispositivo propriamente dito. Para isso, trago o dispositivo da prisão ou encarceramento de Foucault como parte de algumas problematizações que levam a considerar a educação ambiental como um dispositivo. Foucault traz a seguinte questão: O que um dispositivo produz? O que faz com que a prisão passe a ser percebida como uma instituição disciplinar que tem por objetivo regenerar os sujeitos, dados como “criminosos”? Assim, a prisão toma uma importância perante a sociedade já que terá como função adestrar esses corpos, tornando-os úteis e dóceis. Dessa forma é que o autor se refere a um preenchimento estratégico do dispositivo. No momento em que a prisão foi considerada como uma profissionalização, um isolamento do meio delinquente, é que passa a ser considerada uma estratégia. Para afirmar que se trata de um dispositivo, é preciso estabelecer, identificar quais os elementos que intervêm na sua racionalidade, na sua organização, na sua utilização. Para Foucault:

> O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isso, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por ele. (FOUCAULT, 2008, p. 246).

Com isso, parto do principio de que a educação ambiental pode ser percebida como um dispositivo de seguridade por entender que esses diferentes discursos que estão envoltos nessa rede de elementos heterogêneos vêm constituindo, cada vez mais, os sujeitos, uma vez que a preocupação emergencial é

referente à preservação ambiental. Os discursos passam a nos constituir, tornando, gradualmente, a educação ambiental assunto emergente e, com isso, ampliando seu campo de atuação. O que podemos perceber é que essa área ambiental vem ocupando e abrangendo diversos setores da sociedade, seja escolar, industrial, comercial, midiático, científico, filosófico, moral etc.

Portanto, no campo da educação ambiental, seleciono para analisar os elementos discursivos percebidos aqui através das políticas, das leis e da mídia que constitui esse campo. Através desses discursos podemos entender que as práticas, independentemente de serem discursivas ou não, contribuem para a construção dessa rede que estabelece um dispositivo; ou seja, os diversos discursos relacionados à temática ambiental fazem parte de uma rede que engloba o dispositivo da educação ambiental. Assim, é nesta rede que se instauram as verdades que irão constituir, atravessar e capturar os sujeitos.

Foucault (2008) demarca a natureza de um dispositivo sob três aspectos: um que corresponde a uma urgência histórica; outro como conceito multilinear e um último que vê o dispositivo como condição de existência. Dentre os aspectos determinados por ele, passo a considerar a educação ambiental como um dispositivo que emerge diante de uma urgência histórica, levando em consideração os discursos citados anteriormente com a intenção de pôr em jogo algumas verdades neste campo de saber.

É a partir dos ensinamentos foucaultianos que entendo a educação ambiental como resposta a uma urgência histórica. Especialmente desde a década de 90, temos visto uma preocupação cada vez mais intensa com o meio ambiente e a natureza. Exemplo disso são os diferentes filmes que vêm se proliferando e tomando força com discursos de preservação da espécie e do meio ambiente, tais como: *Um dia depois de amanhã* (2004), *Madagascar I* e *II* (2005; 2008), *Os Sem Floresta* (2006); *Happy Feet: o pinguim* (2006); *Tá dando onda* (2007); *Wall.E* (2008), *2012* (2009), *Avatar* (2010), entre outros.

O discurso preservacionista vem tomando proporções cada vez maiores no cinema e na mídia de modo geral. Penso que existe a intencionalidade de capturar não somente as crianças, mas também o público adulto torna-se alvo das capturas cinematográficas. Exemplo disso é a animação *Wall.E*, que foi criada com o propósito de atingir não somente o público infantil, mas também o público adulto. E

com esse propósito, a Walt Disney-Pixar e outros estúdios famosos vêm produzindo animações que trazem discursos que se voltam às questões referentes ao meio ambiente. Não é mais suficiente atingir um único público, agora é preciso atingir todas as faixas etárias para que se possa ter sucesso e, ao mesmo tempo, fazer funcionar as estratégias de seguridade. Para isso, torna-se necessário aprender desde cedo que o meio ambiente precisa ser preservado, que a água dever ser consumida de forma adequada, que a energia elétrica não deve ser desperdiçada, que devemos reciclar o lixo, entre outras estratégias que cotidianamente atravessam as programações infantis. Assim é o exemplo dos discursos da animação *Wall.E*, que tem como foco a questão do lixo e do consumo muito discutido nas salas de aula atualmente.

De outra forma, ao partir para analisar os grandes eventos e seus discursos políticos, tomando por base a característica do dispositivo – urgência histórica –, percebo que esses discursos são voltados para um grande objetivo: a preservação e prevenção do planeta, visando a governar os sujeitos em prol da sobrevivência da espécie.

Para isso, compartilho da idéia de Foucault (2008, p. 244) que tem por dispositivo um “tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função responder a uma urgência”. Volto meu olhar para alguns acontecimentos históricos que constituíram e continuam constituindo os sujeitos no que se refere a esse campo de saber. Tomo como um dos eventos significativos a primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilisi, no ano de 1977, considerada uma das mais relevantes reuniões e que ainda serve de fonte para consultas a respeito de ações sobre educação ambiental. No livro intitulado *Livro Azul*, publicado a partir das determinações dessa conferência, se diz que: “A educação ambiental deve dirigir-se a pessoas de todas as idades, a todos os níveis, na educação formal e não-formal. Os meios de comunicação social têm a grande responsabilidade de pôr seus enormes recursos a serviço dessa missão educativa” (DIAS, 2004, p. 105). A preocupação passa a ser como constituir uma educação permanente que prepare os indivíduos de modo que consigam desempenhar uma função produtiva, com vistas a uma melhora de vida, a proteger o meio ambiente, sem deixar de prestar atenção aos valores éticos. E, para isso, os meios de comunicação se tornam um meio propagador desses discursos. A

conferência em Tbilisi se constituiu num ponto de partida do programa internacional de educação ambiental. Foi através deste evento que os objetivos, características e estratégias da educação ambiental foram estabelecidos no plano nacional e internacional.

Na década de 80, chamo a atenção para a assinatura do protocolo de Montreal - o qual determinava providências relacionadas à destruição da camada de ozônio. Esse protocolo foi considerado um marco na área ambiental, pois se voltava à solução de um problema ambiental global, uma vez que a redução e suspensão dos produtos que eliminavam CFC eram realizadas. Nessa época, os veículos de comunicação foram parte integrante e relevante nesse processo de captura dos sujeitos, fazendo com que todos substituíssem seus produtos por outros ecologicamente corretos.

Outro evento que destaco refere-se à conferência em Estocolmo, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), com intuito estratégico de discutir os problemas referentes à poluição ocasionada, principalmente, pelas indústrias mundiais. Nesse momento, surge como urgência a discussão referente à educação dos sujeitos voltada para uma “conscientização” ambiental, como forma de fazê-los pensar em soluções aos problemas ambientais. A recomendação nº 96 da Conferência reconhecia o desenvolvimento da educação ambiental como o elemento crítico para o combate à crise ambiental. A partir desses discursos, outras instituições foram preocupando-se com essa temática: assim como a ONU, a UNESCO passa a disseminar a ideia de educar para preservar, estabelecendo assim parâmetros educacionais e filosóficos para a educação ambiental.

Com a disseminação desses discursos aos quatros continentes, surge a publicação do livro *Nosso Futuro Comum* conhecido também por relatório Brundtlaned[10], o qual serviu de subsídio para a reunião realizada no Brasil, a ECO-92. A conferência realizada no Rio de Janeiro passa a ter como discurso preponderante o desenvolvimento sustentável; a promoção da consciência popular através do aumento das informações sobre o meio ambiente e a promoção do treinamento referente aos conhecimentos da educação ambiental. Mas podemos

[10] Relatório Brundtland é o documento intitulado *Nosso Futuro Comum*, publicado em 1987 no qual desenvolvimento sustentável é concebido como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades.

dizer que os discursos da sustentabilidade foram preponderantes, pois ainda vêm sendo discutidos até os dias de hoje. Aqui se percebe que entre os vinte anos que separam a conferência de Estocolmo da ECO-92, houve uma considerável modificação no discurso no que tange ao conceito de meio ambiente. A partir de então, a educação ambiental passa a ser percebida como solução dos problemas. Chamo a atenção para uma colocação de Reigota:

> Se por um lado temos uma grande variedade de práticas que se autodefinem como sendo "educação ambiental", mostrando a sua criatividade e importância, por outro lado temos práticas muito simplistas que refletem ingenuidade, oportunismo e confusão teórica, conceitual e política. (2004, p. 17-18) [grifo do autor].

O que começou com um discurso voltado unicamente para a preservação natural – através dos movimentos ambientalistas e ecologistas –, agora já vem sendo disseminado em outros eixos sociais, políticos, econômicos e culturais. Isso me leva a pensar que a educação ambiental vem tomando uma proporção significativa no que diz respeito à subjetividade dos sujeitos contemporâneos.

Assim, entendo que a educação ambiental, principalmente a partir da década de 90 para cá, vem constituindo-se em um campo de visibilidades que preocupa os habitantes do século XXI. Percebo-a como uma urgência histórica que, com seus acontecimentos, foi fabricando-se a partir de uma rede de discursos heterogêneos, constituindo as formas de ser e viver o contemporâneo diante da crise ambiental que vivenciamos, já anunciada por Guattari (1991) na década de 80.

Pensando neste conjunto heterogêneo, formado por discursos políticos, institucionais, científicos, morais e filosóficos, busco justificar onde percebo essa rede heterogênea que produz a educação ambiental como dispositivo. Para isso, me detenho aos discursos legais como forma de justificar que esses também compõem o dispositivo da educação ambiental.

Ao analisar alguns discursos que envolvem esse dispositivo no âmbito legal, seleciono a Política Nacional de Educação Ambiental – Lei nº 9.795/99 e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs que consolidam os discursos da educação ambiental.

Analisando os discursos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, referência para o ensino fundamental e médio, percebo que esse "cuidado" com o meio ambiente provém da educação, tornando a educação ambiental assunto de

referência para crianças e jovens de todo o país. Assim, se garante, estratégica e politicamente, adultos mais “conscientes” de suas obrigações perante o planeta.

Esses discursos fazem com que a escola tome para si a função de disciplinadora de sujeitos, fazendo desses sujeitos cidadãos do mundo aptos a preservar e proteger seu planeta. Esses discursos de que é preciso “construir um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado” e que isso requer, portanto, “responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário” (PCNs Meio Ambiente, 1997, p. 181) trata-se de um papel assumido como obrigação pela nação brasileira na constituição de 1988.

Isso me leva a pensar que os discursos estão, portanto, ligados a uma época, situação, emergência e urgência histórica. Sendo assim, os discursos de que só através da conscientização e educação poderemos viver de forma sustentável fazem com que a escola assuma o papel de formadora, constituidora, propagadora desses discursos e torna a prática escolar uma forma de constituir e capturar os indivíduos desde muito cedo.

Já os discursos legais instaurados na década de 80 se davam através da Política Nacional do Meio Ambiente e o Sistema Nacional do Meio Ambiente, através da Lei nº 6.938/81[11]. Mas é a partir da promulgação da nova Constituição Federal, em 1988, que a educação ambiental avança no cenário brasileiro, fazendo com que estratégias sejam criadas, consolidando os espaços institucionais em favor da educação ambiental. Assim, a educação ambiental adquire espaço no currículo escolar.

Como o momento histórico exige uma maior movimentação, foram criadas estratégias neste campo com o objetivo de responder a uma urgência, a urgência da crise ambiental que se instalara. E é isso que vem ocorrendo ao longo dos anos com a educação ambiental, que, podemos afirmar, é percebida como uma área de saber muito recente e que necessita ainda ser muito explorada. Podemos observar que já há algum tempo, os meios de comunicação fazem parte das estratégias de consecução desse objetivo. O capítulo I, artigo 3, inciso IV da Lei 9.795/99 estabelece que os meios de comunicação devem colaborar de maneira ativa e

[11] Lei regulamentada em 31 de agosto de 1981 foi precursora/geradora da maior parte do que atualmente compõe o sistema brasileiro de gestão ambiental. Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências (DIAS, 2004).

permanente com a disseminação dos discursos que incorporam a dimensão ambiental em suas programações. Dessa forma, existe uma preocupação legal de utilizar os meios de comunicação para a circulação e atualização das informações, através de discursos condizentes com a educação ambiental. Destaco, portanto, o que dizem as orientações, objetivos e ações para a estratégia internacional em educação ambiental e formação ambiental determinados durante o Congresso Internacional sobre Educação e Formação Ambientais, realizado em Moscou no ano de 1987 que, referente à educação e informação do público, determina:

> A conferência de Tbilisi deixou orientações para a estratégia da educação e informação para o público ao acentuar que há uma necessidade de programas de EA que promovam a sensibilização desse público em relação ao seu próprio ambiente, envolvendo-o na resolução dos problemas da sociedade. **Os meios de comunicação de massa desempenham um papel importante na promoção da EA, pois constituem o meio ideal para atingir a maior audiência possível** (DIAS, 2004, p. 153) [grifo meu].

Ainda como mais um discurso pertencente ao dispositivo da educação ambiental, parto a analisar os discursos midiáticos que também ocupam um espaço nesse conjunto heterogêneo, tendo por finalidade capturar e interpelar os indivíduos através de estratégias que se voltam para um controle e vigilância da população. Um exemplo disso são as propagandas da rede WWF (antes conhecida como Fundo Mundial para a Natureza) que geralmente trazem no seu final um slogan: “Conserve o seu planeta: ainda dá tempo” ou “Uma hora volta para você”. Uma das propagandas, que traz como assinatura o segundo slogan, inicia com um lenhador serrando uma árvore e, em forma de um jogo de dominó, essa árvore vai caindo sobre outras que vão causando uma série de desastres ecológicos. No final, o jogo de dominó continua até que a última árvore cai sobre o próprio lenhador que cortou a primeira árvore.

São esses discursos que nos atravessam incessantemente, fazendo com que se crie uma “consciência” em prol do meio ambiente. Não questiono aqui a necessidade de preservar e prevenir, pois isso é um fato. Mas o que pretendo é problematizar alguns questionamentos que me inquietam e que são expostos diariamente nos discursos midiáticos: “Que futuro se espera? O que pretendemos deixar de herança aos nossos filhos?” Discursos como esses vão nos constituindo, preocupando-nos ao ponto de colocar toda uma população em prontidão. Ao sermos atravessados por esses discursos, é que acabamos controlando se as empresas estão poluindo e se possuem uma política de responsabilidade social, se o vizinho

coloca o lixo em local adequado, se a água vem sendo utilizada de forma correta. Um exemplo disso ocorre toda vez que atravessamos uma temporada de seca, bastando a mídia solicitar a todos que não utilizem água de forma incorreta, para todos se colocarem em posição de alerta. Assim, vigiando, sendo vigiado ou vigiando-se é que somos constantemente capturados por esses discursos que fazem da educação ambiental assunto tão emergente e urgente.

Quem, há cerca de 20 anos, pensaria que os discursos de educação ambiental estariam com tanta ênfase? Quando, na década de 70, por exemplo, imaginaríamos que a educação ambiental estaria presente nos mais diversos eixos da sociedade? São esses questionamentos que me lançam a um desafio, que certamente poderá ser tema de outras investigações: que condições de possibilidades fizeram e ainda fazem esse campo de saber tão evidente?

É pensando nos discursos midiáticos que vêm nos constituindo em sujeitos preocupados com a sustentabilidade do planeta que considero a mídia um dos discursos mais potentes que compõem o dispositivo da educação ambiental. Penso que através das suas ferramentas, a mídia consegue abranger muito rapidamente um grande número da população num espaço de tempo muito curto.

Outro exemplo é referente ao discurso voltado para a problemática do aquecimento global, como podemos perceber na campanha publicitária da rede WWF intitulada “A Hora do Planeta”. A finalidade dessa campanha, realizada anualmente desde 2007, é “conscientizar” sujeitos para que participem do movimento de alerta no que diz respeito ao problema do aquecimento global. Os discursos encontrados nas três propagandas da campanha de 2009 são preponderantemente voltados à crise ambiental que estamos vivenciando na contemporaneidade. A rede WWF, a maior rede independente de conservação do planeta, tem atuação em mais de 100 países, contando com o apoio de cinco milhões de pessoas entre associados e voluntários. Desenvolve, desde 1961, cerca de dois mil projetos voltados para a conservação do meio ambiente.

Na campanha de 2009 é possível perceber a busca por encorajar a participação de diversas famílias, empresários, autoridades etc. no movimento simbólico que contou com a participação de um bilhão de pessoas, no dia 28 de março de 2009. Os participantes mantiveram suas luzes apagadas durante uma hora. Monumentos do mundo inteiro estiveram às escuras, fazendo com que o ato

tomasse proporções politicamente significantes. Percebemos aí a preocupação dos sujeitos com a preservação da espécie humana e do planeta, diante da crise que acomete a todos. Sendo assim, poderíamos aqui considerar essa campanha como um discurso que se insere no dispositivo da educação ambiental. Parece inegável que a mídia hoje se tornou parte das nossas vidas. Como espectadores, tornamo-nos alvos certeiros das diversas campanhas direcionadas a questões de saúde, educação, meio ambiente, cultura etc.

A partir das discussões realizadas nesta seção, entendo que a educação ambiental pode ser entendida como um dispositivo de seguridade na sociedade atual. Ela carrega em seus discursos políticos, legais e midiáticos ditos que seguem constituindo e interpelando os sujeitos neste tempo que se volta às necessidades de preservação e prevenção ambiental. São com esses discursos que a educação ambiental vem ganhando espaço. É diante das urgências históricas que a educação ambiental se torna assunto tão emergente nos mais diversos segmentos sociais, tendo por objetivo conduzir a sociedade para pensar na crise ambiental vivida por nós, habitantes do século XXI.

Dando continuidade a este estudo, na seção seguinte procuro pensar acerca dos problemas relacionados ao campo da educação ambiental que se corporificam no *corpus* de análise dessa dissertação: o *Wall.E*. Volto-me mais especificamente aos discursos referentes ao lixo e ao consumo. Para isso, pauto-me nas ideias do sociólogo polonês Zymunt Bauman. Assim, procuro perceber que discursos vêm constituindo, compondo o dispositivo da educação ambiental neste tempo contemporâneo.

3.2 Lixo, Consumo e a Sociedade Líquida-Moderna: enunciados no Wall.e produtores de sentido

Dando sequência nesta segunda seção, trago num primeiro momento excertos do filme de animação *Wall.E* com objetivo de problematizar os ditos acerca do lixo, do consumo e dos diversos enunciados que constituem o campo da educação ambiental. Para isso, ancoro-me principalmente nas ideias do sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001, 2007, 2008, 2009). Logo em seguida, faço uma pequena referência à Lei Nacional dos Resíduos Sólidos, sancionada no dia 03 de

agosto de 2010, como forma de mostrar a urgência histórica do dispositivo da educação ambiental, por entender que um dos enunciados mais provenientes na animação faz referência à questão do lixo. A problemática do lixo se tornou relevante na Política Nacional, pois tal discussão já tramitava no Congresso há cerca de vinte anos.

Não podemos negar que a temática ambiental vem tomando conta também dos roteiros hollywoodianos. Como cito na seção anterior, existe uma proliferação de filmes, alguns americanos, que anualmente são lançados no mercado cinematográfico trazendo verdades acerca do meio ambiente e da educação ambiental. Em meu estudo, debruço-me especialmente na animação *Wall.E*, lançada mundialmente em junho de 2008, sob a direção de Andrew Stanton, ganhadora do Oscar de melhor filme de animação. O filme foi assistido por mais de um milhão de espectadores somente no Brasil. Com isso, a Walt Disney-Pixar vem voltando sua atenção não somente para o público infantil, mas abrangendo agora o público adulto. Pela primeira vez uma animação volta-se para ambos os públicos. Com isso, a Disney coloca em voga os discursos potentes no campo da educação ambiental, convidando-nos a jogar o jogo do “ecologicamente correto” ou, pelo menos, pensar na crise ambiental que poderá vir a acontecer de forma avassaladora em nosso planeta. Aqui não tenho a intenção de dizer se esses efeitos são positivos ou negativos, pois dentro do referencial no qual me debruço, percebe todo e qualquer discurso como produtivo. Selecionar a animação *Wall.E* como *corpus* discursivo justifica-se por entender que esse desenho traz enunciados que vêm sendo amplamente discutidos nos mais diversos âmbitos da sociedade. Entre eles, questões referentes ao lixo e ao consumo, muito evidentes na animação.

A animação, ao mostrar já no seu inicio imagens de pilhas de lixo que se misturam aos enormes prédios, a ausência de seres humanos, enfim, o caos em que se encontra o planeta, coloca o espectador diante dos problemas que poderão vir a acontecer, caso não consigamos prevenir e preservar a “nossa casa”. Esse é um olhar do meio ambiente que atravessa os sujeitos durante toda a animação. Não quero dizer com isso que esses discursos não são importantes na educação ambiental, de forma alguma. Porém, acredito que, diante da época em que vivemos, algumas coisas podem ser feitas, outras repensadas, reformuladas, refletidas. Não se trata de considerar como saída um retorno nostálgico na forma de ser e estar no

planeta. Nada disso, pois não podemos negar que os celulares continuaram sendo produzidos com tecnologias mais avançadas, que computadores facilitam e continuarão facilitando nossas vidas, que a tecnologia continua avançando e cada vez mais somos capturados e atraídos por ela. Porém, é necessário pensar de que modo se pode conviver com essas mudanças e transformações de forma que não haja maiores consequências ao planeta. É preciso pensar que existem outras possibilidades nesse campo de saber que não seja um retorno a épocas passadas.

Wall.E chama a atenção para essa forma de pensar o futuro, entendendo-o como o que pode se prever, organizar, criando táticas para planejar, articular estratégias voltadas para a população como forma conhecer aquilo que poderá vir a acontecer (FOUCAULT, 2008). Penso que o filme evidencia de forma muito clara a crise ambiental que vivenciamos e poderemos vivenciar de forma mais intensa. No entanto, há que se refletir acerca dos discursos presentes nessa animação que nos assujeitam a diferentes estratégias. Estratégias essas, cada vez mais sedutoras, levando-nos a assumir posições e atitudes que nos colocam a pensar no consumo e na descartabilidade em tempos contemporâneos.

Diante disso, tomo Bauman (2001) para relatar essa contemporaneidade. O autor traz uma metáfora da liquidez, fluidez que representa muito bem a situação com a qual estamos vivendo hoje, tomando por sólido um tempo anterior que agarrava, com mais veemência, as certezas e verdades do mundo. O sólido passa a ser tudo o que é fixo, endurecido, petrificado, o que está em estado de desintegração. A palavra-chave atual é a “fluidez”, “liquidez” que se trata de derreter os sólidos como forma de tornar tudo mais leve e móvel. A fluidez das coisas é, portanto, o não fixar um espaço, um tempo, enquanto os sólidos se prendem a um espaço e suprimem o tempo, ao contrário dos líquidos onde o tempo é de extrema relevância.

> O “derretimento dos sólidos”, traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão em ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividade humana, de outro (BAUMAN, 2001, p. 12) [grifo do autor].

Seguindo as palavras de Bauman, esse tempo contemporâneo está muito bem representado por essa metáfora, uma vez que questões referentes ao lixo estão interligadas ao consumo e à descartabilidade, impulsionando-nos à compulsiva mudança e liquidez das coisas, ideias e, inclusive, das relações amorosas (BAUMAN, 2004).

Cabe aqui trazer alguns excertos do filme que mostram, num primeiro momento, o *slogan* da única empresa do mundo, BNL, cujo diretor e presidente tem como objetivo fazer do consumo uma forma de satisfazer as necessidades e desejos dos indivíduos. Já num segundo momento, o próprio presidente declara, em uma reportagem de jornal, que o lixo se tornou um problema global e emergente. Ao compararmos essas situações com as que estamos vivemos atualmente, poderíamos até afirmar que essa manchete já tem sido, de certa forma, apresentada quase que diariamente nos meios de comunicação.

> BNL tudo o que você precisa para ser feliz! Seu dia é muito importante para nós (Wall.e, 2008).
> LIXO DEMAIS!
> TERRA COBERTA.
> PRESIDENTE DA BNL DECLARA:
> EMERGÊNCIA GLOBAL! (Wall.e, 2008).

Ao mesmo tempo, percebemos hoje uma preocupação por parte das empresas, indústrias e dos veículos de comunicação com questões relativas ao meio ambiente. Por exemplo, o jornal pelotense Diário Popular, na edição do dia 27 de agosto de 2010 (anexo 3), em comemoração aos 120 anos de sua existência, ilustrou capa e contracapa com a imagem de um desenho representando um ecossistema sustentável. Na mesma edição, trouxe um caderno especial com 48 páginas sobre os mais diversos assuntos referentes à educação ambiental e ao meio ambiente. A partir deste dia, o jornal assume o compromisso com a comunidade – através da manchete: “120 anos em nome da sustentabilidade” (Diário Popular, 2010a, p. 1) – de estimular o debate sobre o desenvolvimento sustentável, o qual será feito através do caderno intitulado “Pense Bem”. Esse caderno, com edições mensais, sendo a primeira impressa no dia 29 de agosto de 2010 (anexo 4), terá como objetivo destacar iniciativas dos mais diversos segmentos sociais que voltam suas gestões em prol da sobrevivência da espécie.

Diante disso, procuro pensar que a educação ambiental, além de tomar proporções significativas entre os diversos segmentos da sociedade, tem sido, cada vez mais, assunto predominante. Não menos importante que a mídia impressa, o

cinema segue essa tendência, ou, melhor dizendo, essa estratégia de captura dos sujeitos os quais devem se tornar mais "conscientes" perante os perigos de perdermos nosso planeta. Aqui deixo um pequeno questionamento, com o qual pretendo seguir em outros estudos: seriam os discursos apocalípticos[12] da educação ambiental a solução do planeta? Ou trata-se apenas de uma estratégia de marketing que vem se propagando globalmente, já que o tema educação ambiental vem sendo pauta política e econômica que regulam cada vez mais nossas vidas?

Sendo assim, não posso deixar de ressaltar a existência de discursos que vêm sendo propagados e "vendidos" em roteiros cinematográficos. *Wall.E* traz discursos relevantes às questões ambientais que produzem medo e culpa nos consumidores. O que penso é que esses discursos apocalípticos produzem a sensação de culpa, fazendo-nos agir de forma ecológica em nossas ações cotidianas, pensando no futuro do planeta. Ainda em outros discursos midiáticos, somos interpelados diariamente a consumir, pois todo o dia surge um produto novo para facilitar nossa vida, mas em seguida o discurso passa a ser de que devemos poupar energia elétrica, água, reciclar o lixo e etc. Nesse sentido, a mídia, de modo geral, nos convoca a assumir atitudes ecologicamente corretas, pois assim estaremos colaborando para a continuidade do planeta.

Não quero dizer com isso que a partir de agora devemos consumir e não se faz necessário ter o cuidado com o planeta. O que pretendo aqui problematizar é justamente como esses discursos vêm controlando nossas formas de ser e estar no mundo. Ao mesmo tempo em que somos levados a consumir, somos interpelados por discursos que nos fazem ter "consciência" diante dos problemas ambientais.

> Para atender a todas essas novas necessidades, impulsos, compulsões e vícios, assim como oferecer novos mecanismos de motivação, orientação e monitoramento da conduta humana, a economia consumista tem de se basear no *excesso* e no *desperdício*. A possibilidade de conter e assimilar a massa de inovações que se expande de modo incessante está ficando cada vez mais reduzida – talvez até nebulosa. Isso porque, para manter em curso a economia consumista, o ritmo de aumento do já enorme volume de novidades tende a ultrapassar qualquer meta estabelecida de acordo com a demanda já registrada. (BAUMAN, 2008, p. 53) [grifos do autor].

A economia consumista se alimenta, desenvolve e cresce quando o consumo está sendo exercido pelos consumidores, sempre que há esse tipo de movimento consumismo-consumo, devemos pensar que diversos produtos estão

---

[12] Conforme Henning, Ratto e Garré (2010) que se encontra nas referências dessa dissertação, propagandas midiáticas atuais referentes ao campo da educação ambiental são muitas vezes

sendo substituídos e levados aos depósitos de lixo. Aqui não me preocupa a aquisição de novos produtos, pois esse movimento não deixará de existir numa sociedade de consumo, mas me coloco a pensar no destino que será dado aos produtos que estão sendo substituídos e descartados. Acredito que esse seja um dos maiores problemas ambientais que devemos enfrentar futuramente. E essa é uma problemática que o *Wall.E* nos leva a fazer.

No filme, podemos perceber o consumo como uma das causas do planeta ter sido abandonado em razão dos elevados níveis tóxicos. Na cena 14, os humanos a bordo da espaçonave AXIOM não deixam de consumir, pois nem a limitação dos movimentos os restringe – através de um simples apertar de dedos possuem o que desejam. O ato de desejar para Foucault (2008a, p. 95) passa a ser o motor de ação de uma população: "[...] desejo é aquilo por que todos os indivíduos irão agir". Para o autor, o desejo é produzido e controlável. Esse desejo produzido não passa de um jogo estrategicamente pensado. E é essa produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo que constitui a população, provocando-a, através de relações de força, a necessidade de desejar algo. É neste sentido que percebo, na cena 14, os humanos interpelados por essa produção de um desejo.

> Atenção clientes da AXIOM: experimente o azul, que é o novo vermelho (WALL.E, 2008).

Percebemos os passageiros da espaçonave sendo interpelados a consumir o "novo vermelho", já que a necessidade humana no momento é estar na moda. Portanto, num ato quase que automático e instantâneo de apertar um botão todos os indivíduos passam a vestir o "novo vermelho" que é o tom azul. A instantaneidade se torna essencial, pois é preciso ganhar tempo nessa sociedade de consumo. Tudo se torna necessário em segundos e, no mesmo ato, é substituído com a mesma instantaneidade com a qual foi adquirido.

A sociedade de consumo é um termo utilizado por Bauman (2008) que representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista e rejeita todas as opções culturais alternativas. Trata-se de uma sociedade que se adapta aos preceitos da cultura do consumo e segue propósitos práticos de maneira incondicional. Seus membros são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de sê-las que os torna membros autênticos dessa sociedade.

---

marcadas pela periculosidade e o medo da perda de nosso planeta.

Desta maneira, podemos considerar o consumo como uma atividade que praticamos todos os dias, de maneira necessária ou supérflua, mas é fato que o consumo está presente em nossas vidas. Segundo Bauman (2007,) no mundo líquido-moderno, ninguém quer ser visto perdendo o trem do progresso, ninguém quer ficar para trás, pois isso se tornou motivo de vergonha. O fato de não possuir um celular mais moderno, não estar conectado à internet diariamente é motivo de atraso social e tecnológico. Diante de tantas exigências mercadológicas, o que fazer com o lixo gerado? O "lixo é o principal e, comprovadamente, mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo" (BAUMAN, 2007, p. 17). O lixo pode ser considerado uma das grandes crises sociais e ambientais que estamos testemunhando nos dias de hoje.

Como forma de problematizar as questões referentes ao lixo, trago a Lei Nacional dos Resíduos Sólidos[13] – Lei do Lixo, sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no dia 03 de agosto de 2010. Tendo como prazo máximo de 90 dias para a regulamentação, quando deveriam ser revistos pontos pouco específicos referente à nova legislação. No entanto, até o final da escrita deste trabalho, tal lei continuava aguardando regulamentação. Lembro que a Lei do Lixo estabelece obrigações perante questões referentes aos resíduos sólidos, e que tramitava no Congresso há mais de vinte anos, voltando a ser discutida somente em 2010. Ao voltar em discussão, a lei tem por objetivo pôr fim aos lixões e estabelece responsabilidade compartilhada entre governo, indústria, comércio e consumidores sobre o destino final do lixo. A lei responsabiliza, por exemplo, as indústrias pelo descarte de produtos eletrônicos. Além disso, fica proibida a importação de resíduos

---

[13] Na Lei Nacional dos Resíduos Sólidos (2010) os resíduos serão classificados de acordo com a sua origem determinados por:

a) resíduos sólidos urbanos: resíduos sólidos gerados por residências, domicílios, estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços e os oriundos dos serviços públicos de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, que por sua natureza ou composição tenham as mesmas características dos gerados nos domicílios;

b) resíduos sólidos industriais: resíduos sólidos oriundos dos processos produtivos e instalações industriais, bem como os gerados nos serviços públicos de saneamento básico, excetuando-se os relacionados na alínea "c" do inciso I do art. 3o da Lei no 11.445, de 2007;

c) resíduos sólidos de serviços de saúde: resíduos sólidos oriundos dos serviços de saúde, conforme definidos pelo Ministério da Saúde em regulamentações técnicas pertinentes;

d) resíduos sólidos rurais: resíduos sólidos oriundos de atividades agropecuárias, bem como os gerados por insumos utilizados nas respectivas atividades; e

e) resíduos sólidos especiais ou diferenciados: aqueles que por seu volume, grau de periculosidade, de degradabilidade ou outras especificidades, requeiram procedimentos especiais ou diferenciados para o manejo e a disposição final dos rejeitos, considerando os impactos negativos e os riscos à saúde e ao meio ambiente.

sólidos perigosos e rejeitos. O lixo produzido por um determinado país deverá permanecer no mesmo e ter um destino adequado. Sendo assim, aquele consumidor que separa e recicla seu lixo poderá ter a certeza que sua atitude não será considerada em vão, pois com a nova lei, essa prática terá continuidade, especialmente por parte dos fabricantes.

Na referida lei a educação ambiental é parte fundamental como podemos perceber no art. nº 07, nos incisos V, VI e VII:

> V - consumo sustentável: consumo de bens e serviços, de forma a atender às necessidades das atuais gerações e permitir melhor qualidade de vida, sem comprometer o atendimento das necessidades e aspirações das gerações futuras;
> VI - controle social: conjunto de mecanismos e procedimentos que garantam à sociedade informações, representações técnicas e participações nos processos de formulação de políticas, de planejamento e de avaliação relacionados aos serviços públicos de manejo de resíduos sólidos;
> VII - destinação final ambientalmente adequada: técnica de destinação ordenada de rejeitos, segundo normas operacionais específicas, de modo a evitar danos ou riscos à saúde pública e à segurança, minimizando os impactos ambientais adversos; (Lei Nacional dos Resíduos Sólidos, 2010).

Ao ser sancionada, tal lei garante que os resíduos sólidos tenham um destino adequado, sendo dividida essa responsabilidade de preservação do meio ambiente entre órgãos públicos, indústrias e consumidores. O assunto sustentabilidade, discutido com mais vigor a partir da Rio 92, passa a perceber o ato de consumir como uma problemática a ser vigiada com mais ênfase diante dos discursos preservacionistas. Assim, a sustentabilidade passa a ser um discurso preponderante na educação ambiental, uma vez que para sobreviver é necessário preservar bens não renováveis. Diante da temática do lixo, a sustentabilidade ganha força para disseminar os discursos ambientais que se dizem preocupados apenas com a preservação do planeta. Será? São esses discursos totalmente imparciais? Ou podemos pensar, diante de um outro olhar, outras possibilidades, como por exemplo, estratégias políticas e econômicas muito bem elaboradas? Não quero fazer juízo de valores, de maneira alguma. Meu objetivo, volto a enfatizar, é problematizar outras possibilidades que podem estar ainda obscuras nesse campo de saber. Mas o que ainda me intriga é porque a questão do lixo, que sempre foi produzido por nós, agora se torna uma questão política preocupante? O que há alguns anos era preocupação, como, por exemplo, o consumidor saber reciclar, agora não é mais suficiente. É preciso que esses sujeitos, atualmente, participem

mais ativamente no sentido de trazer a responsabilidade também para os órgãos públicos e empresariais.

A intenção é de que com regulamentação da Lei do Lixo o estilo de vida contemporâneo, ou seja, o de consumismos, seja freado em prol da preservação ambiental e ecológica. Ao mesmo tempo, deve-se pensar que o Brasil encontra-se em fase de crescimento político e econômico, portanto, em pleno desenvolvimento. Claro que devemos pensar numa forma de desenvolvimento sustentável que não afete o meio ambiente, mas é exatamente isso que gostaria de problematizar: será o consumo realmente o "vilão" diante dos problemas ambientais que estamos enfrentando? De que forma discursos midiáticos, como os presentes em *Wall.E*, nos fazem consumir e, ao mesmo tempo, repugnar o lixo?

Ainda fazendo referência às questões relativas ao consumo e ao lixo, chamo a atenção para dois excertos da animação: o primeiro, que se trata de um *outdoor* da empresa BNL; e o segundo, um anúncio holográfico referente ao cruzeiro oferecido pela mesma empresa aos humanos. Vejamos o primeiro:

> FAÇA SUA PARTE; NÃO DESCARTE: TRABALHAMOS PARA DESENTULHAR VOCÊ! (*WALL.E*, 2008)

Aqui, o sujeito é convidado a fazer sua parte no que diz respeito à preservação do planeta. Somos diariamente interpelados pelos discursos da educação ambiental que nos lembram, insistentemente, que ao escovar os dentes é preciso fechar a torneira, por exemplo. A ideia passa a ser "cada um fazendo a sua parte", assim estaremos seguros de que o planeta será preservado. A interpelação do filme evidencia o poder disciplinar de que trata Foucault: para que o biopoder opere, é preciso que se capture cada sujeito, individualmente. Nesse sentido, a campanha da educação ambiental na busca por ações ecologicamente corretas necessita de ações individuais, incitando o sujeito disciplinado a fazer a sua parte.

Às vezes me parece que tais atos podem soar solitários, e em consequência disso, podem conduzir ao pensamento de que "se eu fizer a minha parte será suficiente". Coloco-me a pensar: que atitudes são postas em prática por uma motivação moral? Até onde somos motivados por estes discursos a mudar o mundo e até onde somos tomados pelo discurso do medo de perdermos o planeta? Talvez a dedicação às causas verdes esteja longe de nos fazer renunciar a um modo de vida que não seja impulsionado pelos desejos humanos.

Será que a preocupação maior com o meio ambiente versa sobre o bem-estar, a qualidade de vida e o futuro? Se pensarmos na reciclagem, por exemplo, podemos dizer que hoje se tornou um negócio rentável, ou melhor, se pensarmos de uma forma estratégica, política e econômica, podemos perceber hoje a reciclagem como um meio gerador de rentabilidade, empregos, assumindo assim um papel comercial diante da sociedade contemporânea em que estamos todos inseridos. De uma maneira estratégica, a reciclagem vem possibilitar um destino apropriado ao lixo. O que quero dizer com isso é que o discurso produzido pela educação ambiental não está isento de um discurso político. Por isso que reforço meu pensamento de ver a educação ambiental como um dispositivo de seguridade, já que cria estratégias de controle, na busca da prevenção do planeta. Na animação se percebe essa busca pelo controle da população, quando a BNL, a mega empresa que governava o mundo em *Wall.E*, construiu a espaçonave AXIOM para que os humanos permanecessem no espaço, enquanto os robôs limpavam a Terra que estava com altos níveis tóxicos.

> TEM MUITO LIXO ENTULHADO? HÁ MUITO ESPAÇO NO ESPAÇO! CRUZEIROS BNL PARTINDO A TODA HORA, NÓS LIMPAMOS TUDO ENQUANTO VOCÊ ESTIVER FORA! (WALL.E, 2008)

A BNL, tendo como objetivo satisfazer e criar novos desejos nos humanos, se propõe, através da utilização das máquinas identificadas como Wall.E, limpar a terra enquanto os humanos continuam satisfazendo suas necessidades, só que agora no espaço, uma vez que ainda “há muito espaço no espaço”. Permanece a promessa, o discurso de satisfazer os desejos, necessidades e vontades dos humanos. O desenho evidencia os seres humanos, independentemente do lugar, como consumidores satisfazendo suas vontades, muitas vezes, de forma compulsiva. A sociedade de consumo continua atuando onde quer que estejam os indivíduos, independentemente do modo de vida, seja na terra ou no espaço. O consumismo continua operando conjuntamente com a descartabilidade e, em consequência disso, as pilhas de lixo não deixam de crescer. Mesmo a bordo da AXIOM, o lixo continua sendo empilhado e descartado no espaço.

> Em um mundo repleto de consumidores e produtos, a vida flutua desconfortavelmente entre os prazeres do consumo e os horrores da pilha de lixo. A vida talvez seja sempre um “viver-para-a-morte”, mas, para os que vivem na líquida sociedade moderna, a perspectiva de “viver-para-o-depósito-de-lixo” pode ser preocupação mais imediata e consumidora de energia e trabalho (BAUMAN, 2007, p.17-18) [grifos do autor].

Na perspectiva da vida líquida denominada por Bauman (2007) como uma “forma de vida que tende a ser levada à frente numa sociedade líquido-moderna”, temos o desafio de enfrentar e resolver o problema imposto pelo lixo. Segundo o autor, o lixo pode ser visto sob dois aspectos: o primeiro se refere ao descarte e suas grandes pilhas; o outro é no sentido de nos sentirmos jogados ao lixo. Assim vive-se num paradoxo entre o consumismo e as grandes pilhas de lixo.

Nesse sentido, nessa vida líquida, todos os seres humanos são e sempre serão consumidores. A preocupação agora se volta para o advento do acúmulo de lixo, já que numa sociedade de consumidores essa sociedade passa a ser a do excesso e, portanto, a do lixo farto. Aqui resta pensar: que verdades são produzidas por esses discursos que giram em torno do consumo e do lixo? Que verdades vêm sendo estabelecidas no campo da educação ambiental? Embebida por esses questionamentos, gostaria de trazer uma citação de Foucault como forma de direcionar meu pensamento e meu olhar para outras verdades ainda não fabricadas.

> [...] que a verdade, como relâmpago, não nos espera onde temos a paciência de emboscá-la e a habilidade de surpreendê-la, mas que tem instantes propícios, lugares privilegiado, não só para sair da sombra como para realmente produzir. Se existe uma geografia da verdade, esta é a dos espaços onde reside, e não simplesmente a dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la (FOUCAULT, 2008, p. 113).

Diante disso, penso que a crise ambiental a qual enfrentamos deve ser percebida como uma verdade, mas uma verdade no sentido foucaultiano, como algo produzido. Trata-se de dizer que a verdade é tudo aquilo que dizemos ser verdadeiro. Por isso minha intenção de problematizar as questões ambientais não versa sobre os aspectos de como surgiu, mas de pensar como ela emerge e funciona. Pensar como produzimos discursos, ditos verdadeiros sobre essa crise ambiental, e como esses discursos produzem efeitos na sociedade.

Para encerrar, gostaria de trazer alguns excertos não discursivos da animação *Wall.E*, mas não menos importantes. Levo em consideração que a animação tem duração de 97 minutos e que, desses, cerca de 30 minutos inexiste diálogos entre os personagens da trama. E como dentro da perspectiva aqui trabalhada consideramos o que é dito e o não dito, não poderia deixar de trazer algumas imagens significativas que nos remetem às questões do consumo e do lixo.

A cena em que os seres humanos encontram-se na espaçonave, vestidos com uniformes da mesma cor, consumindo os mesmo produtos, se locomovendo através de cadeiras flutuantes, comunicando-se através de imagens holográficas,

sem nenhuma espécie de contato físico ou social me remete às imagens dos grandes centros de compras. Neles, os sujeitos se sentem acolhidos pelas coloridas e diversificadas ofertas, se sentem seguros, pois estão sendo protegidos dos perigos da cidade. Ali, existe a impressão de pertencerem a uma mesma comunidade, uma vez que todos estão unidos por um só sentido: o de consumir. Isso remete ao que diz o sociólogo polonês sobre o consumo e os “templos de consumo”. Pois o consumo para os passageiros da AXIOM passa a ser um passatempo exclusivamente individual, uma vez que, mesmo um ao lado do outro, a comunicação é feita de forma holográfica.

Essa cena fez-me lembrar dos dias atuais, esses templos de consumo (BAUMAN, 2001), que mais se parece com um imenso shopping, faz com que os sujeitos sejam interpelados constantemente pela mídia e suas propagandas. Esse discurso presente na animação lembra-me de situações do cotidiano das grandes cidades, pois os templos de consumo a que Bauman se refere dizem respeito aos centros de compras que mais se parecem lugares onde são compartilhadas ações sem haver nenhuma espécie de interação. A tarefa passa a ser a de consumir; a interação, portanto, tirar-lhes-ia a concentração de tal propósito. O consumo passa a ser a tarefa e, ao mesmo tempo, torna-se um passatempo exclusivamente individual. Por mais que os templos de consumo possam estar lotados, não se trata de um lugar coletivo, e sim de um espaço onde os indivíduos são interpelados e chamados a romper os laços e descartar as lealdades. Assim os shopping centers tornam-se lugares ideais e propícios à propagação de discursos que capturam os sujeitos e os conduzem ao consumo.

> O templo de consumo bem supervisionado, apropriadamente vigiado e guardado é uma ilha de ordem, livre de mendigos, desocupados, assaltantes e traficantes – pelo menos é o que se espera e supõe. As pessoas não vão para esses templos para conversar ou socializar. Levam com elas qualquer companhia de que queiram gozar (ou tolerem), como os caracóis levam suas casas (BAUMAN, 2001, p. 114) [grifos do autor].

Assim como os caracóis, os sujeitos que costumam frequentar esses locais, mesmo em companhia de outros sujeitos, sentem-se solitários e dividem espaços físicos sem qualquer interação social, como visto na cena citada anteriormente da animação sob análise. Os encontros nesses locais se dão de forma superficial e breve, visto que qualquer interação pode acarretar prejuízo na relação que existe entre consumidor/consumo. A tarefa passa ser o consumo, e ele o passatempo individual e predileto. Nesses locais nos tornamos sujeitos designados ao

isolamento, mesmo que acompanhado de outros sujeitos, levados ao desejo de consumir.

Atualmente somos expostos a vitrines chamativas, promoções, liquidações, às mais criativas e atrativas propagandas que produzem uma compulsão ao consumo e consequentemente ao descarte. Diante disso, pilhas de lixos vão se formando ao redor das cidades. Já não sabemos o que fazer com as grandes quantidades de lixo, seja sólido, reciclado, orgânico etc. Somos inúmeros sujeitos produtores diariamente de pilhas e pilhas de lixo, como apresentado nas primeiras imagens da animação, nas quais os prédios aparecem cobertos por lixo. Diante disso, que decisões devem ser tomadas? Deixaremos de consumir? Deixaremos de produzir lixo? Acredito que ambas as coisas sempre existiram e continuarão existindo, mas o que se deve pensar é de que forma devemos lidar com questões tão preocupantes e atuais.

O lixo passou a ser assunto preocupante no campo da educação ambiental, e, como solução, surge a reciclagem. Com a reciclagem, os discursos se voltam para a seguinte solução: é preciso reciclar para manter o meio ambiente sustentável, tornando esse discurso preponderante em nossa sociedade. Tal discurso faz – ou pelo menos tenta fazer – da separação do lixo e da reciclagem uma ação cotidiana na sociedade. Não quero dizer com isso que a reciclagem não seja uma solução, acredito que possa ser considerada como uma alternativa para a situação do acúmulo de lixo nas cidades. Mas é pensando nessas questões relacionadas ao lixo que gostaria de problematizar até que ponto conseguiremos manter as ruas longe dos acúmulos das garrafas PETs, sacolas plásticas, papelões etc.? O que anteriormente era visto como algo repugnante para a sociedade, hoje, é percebido como algo rentável. Portanto, este lixo que era percebido como resíduo indesejado pela sociedade, agora vem sendo visto sob outro olhar, um olhar que percebe o lixo como algo rentável para muitas famílias. Diante disso, penso que o lixo deixa de ser apenas “sujeira” e passa a ser o acúmulo de consumo da sociedade contemporânea.

Por outro lado, esse consumo vem acompanhado da descartabilidade e tem como fim as grandes quantidades de lixo. O que fazer? Se tal pergunta fosse de fácil resposta, com toda a certeza não estaríamos diante de uma crise ambiental. Mas o que desejo com este trabalho não é encontrar uma solução para as imensas

quantidades de lixo produzido pela sociedade, tampouco dizer aqui que não devemos consumir mais nada. Não se trata disso. O que pretendo é lançar problematizações referente a esses temas que nos levem a pensar sobre as condições de possibilidades que fazem do lixo e do consumo assuntos tão polêmicos e emergentes neste tempo em que vivemos. Penso, então: quais condições elegem o cinema de animação um propulsor dos discursos de verdade que nos levam a pensar nos possíveis destinos do planeta caso não seja destinada a devida atenção a essa crise ambiental em que estamos submetidos?

Pensando nas verdades produzidas pelos discursos audiovisuais da animação, proponho uma discussão, na próxima seção, sobre a ecosofia trabalhada por Felix Guattari (1991), uma ecosofia que remete a uma prática ético-política e estética, na tentativa de perceber outros olhares para o mundo contemporâneo. Assim, na seção seguinte, me aproprio das ideias de Félix Guattari na tentativa de analisar a educação ambiental a partir de um olhar ecosófico que se volta para as questões sociais, mentais e ambientais.

3.3 Por uma Educação Ambiental Ecosófica

O século XXI vem sendo marcado por vários avanços tecnológicos, científicos, filosóficos e, por outro lado, somos diariamente interpelados por discursos que relatam as mudanças climáticas, devastações de florestas, poluições de rios, extinções de animais, aquecimento global e outras tantas tragédias com as quais somos acometidos nos dias de hoje. Na mesma velocidade que o homem se dispõe a descobrir, desvelar outros caminhos que nos possibilitam uma forma de vida mais qualificada, testemunhamos uma crise ambiental estabelecida por Guattari (1991) como aquela que diz respeito aos aspectos da vida que experimentamos hoje, aspectos esses que não são unicamente ambientais, mas dizem respeito a situações que levam a uma padronização de comportamento ou a uma infantilização regressiva.

Diante dessa crise ecológica, Guattari (1991) propõe como uma possível solução a articulação da filosofia com a ecologia – determinada por ele como ecosofia. A ecosofia refere-se a uma articulação ético-política que possui como princípio promover mudanças, sendo elas políticas, sociais e culturais. Assim o autor

propõe pensarmos na problemática ambiental a partir de uma visão ecosófica. Essa ecosofia se desmembra em três registros: o mental, o social e o ambiental. Trata-se de uma visão mais ampla do que aquela a que estamos acostumados e vai além do que podemos compreender por ecologia. Trata-se, portanto, da evocação de paradigmas éticos-estéticos-políticos, não levando em consideração somente a devastação dos meios naturais, mas considerando a humanidade e seus gestos como parte dessa estrutura política. Não bastando apenas salvarmos rios, florestas, animais, mas salvar toda e qualquer espécie de vida. Não se trata mais de sobreviver, mas de viver. E nesse sentido, a animação anuncia em seu discurso tal problemática quando o Comandante da espaçonave diz ao piloto automático, Auto: “Não quero sobreviver. Quero viver”! (WALL.E, 2008), referindo-se à preferência de voltar para a Terra a continuar a bordo da AXIOM.

> [...] a ecosofia – agirá como ciência dos ecossistemas, como objeto de regeneração política, mas também como engajamento ético, estético, analítico, na iminência de criar novos sistemas de valorização, um novo gosto pela vida, uma nova suavidade entre os sexos, as faixas etárias, as etnias, as raças... (GUATTARI, 2006, p. 116).

A ecosofia nos leva a pensar outras possibilidades no campo da educação ambiental, para além do ambientalismo. Ela nos leva pensar a ecologia como uma questão política que visa à continuidade do planeta. Mas o que deveríamos fazer exatamente? É o que muitos se questionam. Não quero dizer que não devemos cuidar do planeta. De maneira nenhuma. Mas vale pensar o que cada um pode fazer para contribuir com essa luta global planetária. E é isso que Guattari sugere: uma reinvenção de modos de vida levando em consideração questões sociais, mentais e ambientais. Pode ser que isso não seja suficiente para resolver o problema da crise ambiental, mas vale pensar que pequenas atitudes, que estão ao nosso alcance, podem colaborar para uma maior qualidade de vida planetária.

Uma questão a ser trabalhada nessa perspectiva diz respeito à estética. A estética aqui refere-se às questões de como viver. E como queremos viver neste planeta condiz com uma estética que mostra novas formas de cultura, de vida, de morte, de subjetividade, uma estética que está ligada ao dia-a-dia. Portanto, a ecosofia passa a ser um reencontro dentro da consistência para que possamos ter uma vida baseada, sobretudo, em:

> Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente,

> do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores da nossa época. (GUATTARI, 1991, p. 55).

A questão da ecosofia faz emergir novas maneiras de ser e estar no mundo. Um novo posicionamento tomado perante a si próprio, aos outros e ao mundo. Trata-se unicamente do desvelamento dos sujeitos, permitindo uma nova arte de viver em sociedade. Trata-se de perceber que a preservação do planeta não abrange apenas questões de aquecimento global, devastação, poluição, mas também diz respeito às questões da fome, da miséria etc. “A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo” (GUATTARI, 2006, p. 33).

Ao propor a ecosofia através dos três registros ecológicos, Guattari (1991) refere-se à maneira como iremos perceber o planeta daqui para frente. O não-cuidar do planeta se tornou uma forma de colocar as pessoas em situação de pânico, e caso não tenhamos o cuidado, poderemos estar abrindo mão de um futuro. Discursos como esses vêm sendo preponderantemente discutidos aqui. Será que se não cuidarmos do planeta poderemos prejudicar o futuro dos nossos filhos? Isso é tão preocupante para a população que vem servindo de slogan para diversas campanhas ambientais. Como pensar então a educação ambiental levando em consideração a proposta ecosófica de Guattari? Creio que ela não seja a única saída para todos os problemas ambientais, sociais, culturais, econômicos, políticos, mas vejo na ecosofia a chance de, talvez, trilhar outros caminhos e, desse modo, a tripla visão ecológica faça emergir diferentes maneiras de posicionamento diante do mundo e dos discursos ambientais que nos atravessam.

Portanto, para o autor, a crise ecológica que vivenciamos põe em jogo os modos de viver diante dos avanços técnico-científicos promovidos pela modernidade e aplicados nos contexto social e natural. Para Guattari, a ecosofia é um novo espaço político que se configura sob três registros: o social, o mental e o ambiental. Diante da perspectiva ecosófica problematizam-se, portanto, as relações de poder e a produção de subjetividade como possibilidades de pensar não apenas nos animais e florestas que estão sob o perigo de extinção, mas também, pensarmos que as palavras e gestos humanos apresentam-se cada vez mais ameaçados. Ter uma visão ecosófica significa a possibilidade de problematizar os modos contemporâneos

de produção de subjetividades, as relações sociais de todos aqueles inseridos num mesmo contexto ambiental.

Por isso a ecosofia social consiste nas possibilidades específicas de recriação de modos de ser no seio dos diversos grupos sociais. “Reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo” (GUATTARI, 1991, p. 16). Nesse domínio, se preconiza a renovação e a promoção de um investimento afetivo e pragmático nos grupos humanos, podendo ser esses grupos tanto nos níveis micro-sociais (seio da família, do casal, da vizinhança, do contexto urbano, do trabalho etc.) ou nas instituições maiores (sindicatos, associações, igrejas, escolas etc.). Dentro do *socius*, o que se pretende é uma desterritorialização, ou seja, essa capacidade de sair de si mesmo para então constituir-se através do outro: “o eu e o outro são construídos a partir de um jogo de identificações e de imitações padrão que levam a grupos primários voltados para o pai, o chefe, a *star* de mídia” (GUATTARI, 1991, p. 45). Essa ecosofia diz respeito à maneira como o ser humano se relaciona no seu meio social. Podemos dizer que Guattari nos convida a problematizar as nossas atitudes no dia-a-dia, para então pensarmos num bem maior que se referiria ao planeta.

Ao aceitar o convite de Guattari, coloco-me em posição de espectadora, pensando que as antigas maneiras de se viver não voltaram. Seria um equívoco pensar desta maneira, mas pensar de que maneira devemos nos comportar diante de tantas revoluções científicas e tecnológicas. De certa maneira, se faz necessário admitir que talvez a única saída seja aceitar essas revoluções, e outras tantas que virão. É preciso saber encarar esses momentos como acontecimentos que nos desterritorializam e nos colocam sob cordas bambas, momentos esses que conduzem o olhar em direções diferentes das de costume. Um olhar que busca não uma saída para a crise ambiental, mas um olhar que nos faz ver o que até então não era percebido. Diante disso, penso que o que é preciso colocar em jogo são os discursos que nos interpelam diante de tal situação. Não quero dizer com isso que os discursos ambientalistas não sejam importantes, mas que talvez estejam em ênfase por se tratar de uma situação que abrange e preocupa a população global.

Ainda dentro da ecosofia social, *Wall.E* nos mostra um ser humano totalmente individual, não conseguindo perceber o outro. O filme provoca a pensar na maneira com que as relações sociais foram esquecidas, dando importância ao

que interessa a um só ser humano. Mostra como o ser humano não consegue dar conta de preservar o planeta, pois vive apenas em torno de suas próprias e egoístas necessidades. Ao mesmo tempo, nos leva a pensar que naquele momento, talvez, a única saída para a sobrevivência da humanidade fosse o exílio permanente no espaço.

Já a ecosofia mental refere-se à subjetividade humana e à relação do homem consigo mesmo, com o seu corpo, com seu tempo, com os mistérios da vida e da morte. Tanto na vida individual como na coletiva, a ecosofia mental procura revelar a cultura, a vida cotidiana, o trabalho e o esporte em função diferente daquela a que estamos acostumados, voltados para o lucro ou benefício próprio. O que a ecosofia mental propõe é o acolhimento e o cuidado com a própria vida, o cuidar do planeta e o cuidar de si, percebendo a importância do meio ambiente com suas características próprias.

A ecosofia ambiental provoca-nos a pensar na garantia de um equilíbrio das intervenções humanas na natureza. A via ambiental refere-se, ao mesmo tempo, à qualidade de vida, à sustentabilidade, à preservação dos recursos naturais, tudo isso vinculado a uma ética-política, focalizando também a humanidade. A animação possui nos seus discursos a visualização de uma natureza que sofre com a intervenção do homem. Isso nos remete a pensar a natureza como algo distante, exterior a nós mesmos quando, no entanto, o homem é parte integrante dessa natureza. Ao agredir a natureza, estamos comprometendo nosso próprio futuro, já que somos espécie dependente dela.

Uma das maiores dependências que temos com a natureza se dá através do processo de fotossíntese. A importância da fotossíntese para a vida na Terra é enorme. A fotossíntese é o principal processo de transformação de energia na biosfera, além do que, ela nos fornece oxigênio. Tal importância é muito evidente na animação, pois esse é o objetivo da sonda EVA ao chegar à Terra. Sua diretriz é procurar uma forma de vida que confirme a existência de fotossíntese, o que possibilitaria o retorno dos seres humanos ao planeta. E ao se confirmar essa existência, o comandante passa a acreditar que a Terra é o seu lar.

> Comandante– Precisamos voltar!
> Comandante– Mas lá está habitável, agora.
> Comandante– Olhe está planta verde e saudável. É prova viva de que ele estava errado.
> Auto – Isso é irrelevante, comandante.

> Comandante – O quê? É completamente relevante!
> Comandante - Lá é o nosso lar!
> Comandante - E está em apuros. Não posso ficar aqui sem fazer nada. E só o que tenho feito, nada!
> Comandante - É só o que todos nesta nave vêm fazendo, nada!
> Auto – Na AXIOM vocês sobreviveram!
> Comandante – Mas eu não quero sobreviver eu quero viver!
> Auto – Devo seguir minha diretriz (WALL.E, 2008).

Sobreviver ou viver?! Para mim parece ser a questão fundamental da animação. Como cada um de nós se posiciona diante de tal questionamento? É possível considerar a Terra como nosso lar? *Wall.e* nos provoca e nos coloca em reflexão assuntos atuais discutidos nos mais diversos segmentos, pois trata-se de assuntos que dizem respeito a todos. Por isso o olhar que coloco sob essa animação é no sentido de poder problematizar, não só questões referentes ao meio ambiente, mas questões condizentes com as atitudes cotidianas que tomamos diante dos problemas que afetam ao planeta e consequentemente a todos nós.

E para finalizar essa seção me coloco em posição de educadora ambiental que tem por objetivo buscar problematizar questões referentes aos aspectos sociais, mentais e ambientais tomando por base a perspectiva ecosófica.

Assim propus uma nova maneira de olharmos para esse campo de saber, na tentativa de lançar outras possibilidades de perceber a educação ambiental nos mais diversos segmentos. Seja como um dispositivo de seguridade que vêm constituindo nossa sociedade, ou como ecosofia voltada aos aspectos social, mental e ambiental a educação ambiental faz e continuará fazendo parte das nossas vidas. Talvez a saída que encontrei para trabalhar a educação ambiental foi a de colocar em movimento meu pensamento, assim como nos diz Deleuze (2000, p. 15) “o pensamento é arrastado para um movimento interminável: pensamos no nosso pensamento, o que acresce esse pensamento, obrigando-nos a pensá-lo de novo, e assim até o infinito”.

Cena IV: Ao Acender das Luzes

Neste trabalho, meu objetivo foi o de problematizar as verdades produzidas pelo filme de animação *Wall.E*. O que essas verdades produzem diante da crise ambiental em que estamos todos inseridos? Meu propósito foi articular a educação ambiental e o cinema, perguntando-me sobre a forma como ambos operam e articulam saberes referentes à prevenção e preservação do ambiente.

Pretendi ainda discutir os discursos referentes à educação ambiental percebidos no desenho que capturam sujeitos contemporâneos, uma vez que a preocupação maior tornou-se a preservação e prevenção do planeta. Para isso, a animação *Wall.E* tornou-se *corpus* discursivo potente, por mostrar em sua narrativa fílmica condições de possibilidades do que pode vir a acontecer, caso não sejam realizadas ações referentes aos problemas ambientais, principalmente no que diz respeito ao lixo, ao consumo e à descartabilidade, por exemplo.

O cinema foi percebido aqui como mídia, por entender que atualmente ele volta-se para as grandes tecnologias que, cada vez mais, conquistam os sujeitos e, dessa forma, os interpelam. Nessa perspectiva, as mensagens veiculadas pela mídia também são construídas pelo olhar do espectador. Portanto, afirmei ao longo do trabalho que há existência de um espaço indeterminado entre a animação, o que ela deseja transmitir e de quê, realmente, o espectador se apropria. Por isso, é importante perceber que o espectador está sujeito ao que a Ellsworth (2001) denomina por modos de endereçamento, conceito dos teóricos do cinema, que permite perguntar: qual é a relação entre uma obra cinematográfica e a experiência do espectador? Essa relação, esse envolvimento se dá à medida que o público alvo passa a ser envolvido, atingido pelos modos de endereçamento. Ao ser capturada pela animação e seus discursos, minhas inquietações referentes à educação ambiental foram provocadas, o que não quer dizer que para outros isso funcionará da mesma maneira. Assim, para outros públicos, *Wall.E* poderá ser percebido como apenas mais um desenho.

Portanto, a maneira como se experimenta o modo de endereçamento dependerá de como o filme falará com nossas experiências e com as nossas

emoções. Isso se dá por um processo de negociação pautado nas leituras feitas sobre um determinado filme que aborda certa temática. De alguma maneira, *Wall.E* conseguiu atingir-me devido a minhas experiências, estudos etc. *Wall.E* serviu-me para esse momento da minha vida, ainda que não possa afirmar que continuará servindo em outros. Mas, até o momento da escrita, serviu como *corpus* discursivo, mostrando-me o quanto a animação possui um discurso ambiental que está voltado para situações atuais. Tanto serviu que, atualmente, ao ler qualquer notícia nos jornais ou assistir a um noticiário, fica evidente a discussão referente à educação ambiental, no que condizem as questões relacionadas ao lixo urbano, principalmente.

Baseada nessas discussões, percebendo o quanto o modo de endereçamento funciona a seus públicos, parto para questões relacionadas ao poder sobre a vida – biopoder. Esse poder que, ao realizar as leituras foucaultianas, passa a ser percebido com um poder que não está direcionado a uma só pessoa, e sim um poder que se volta para uma população e o seu gerenciamento, visando a um bem-estar social, político e econômico. A partir desse estudo, percebo o quanto o biopoder está inserido em nosso cotidiano, imperceptível, mas de uma maneira estratégica que nos leva a pensar e agir de forma a preservar o planeta. Isso acontece no campo da educação ambiental quando somos interpelados pelo jogo de poder através de diferentes mídias, carregadas de discursos ecológicos que nos interpelam a pensar de forma preservacionista no que diz respeito ao planeta.

Nesse sentido, o biopoder não conseguiria operar caso não estivéssemos sujeitados aos discursos voltados para a preservação, uma vez que somos todos sujeitos disciplinados, mantenedores de uma ordem social, política através da qual o biopoder se faz funcionar.

A discussão versa sobre esse poder sobre a vida que faz da educação ambiental um campo de saber que coloca em operação os dispositivos de seguridade que se voltam para um corpo múltiplo – a população.

Desse modo, a educação ambiental se torna uma ferramenta importante e necessária para pensarmos o futuro do nosso planeta. Ao mesmo tempo, não restam dúvidas de que o biopoder está agindo, intervindo e interpelando nossas vidas e nossas ações. Sendo assim, a educação ambiental prolifera discursos em prol da sobrevivência, ou seja, caso não cuidemos do planeta em que vivemos

poderemos presenciar muitas das cenas anunciadas no filme. Sob análise, afinal, a educação ambiental está presente nos mais diversos segmentos da nossa vida. Diante disso, não poderia deixar de trabalhar a educação ambiental como um dispositivo de seguridade que se consolida como uma urgência história através dos seus diferentes e heterogêneos discursos. Para isso, caracterizei alguns fatos históricos desse campo de saber nos âmbitos: político, legal e midiático. E, assim, evidenciei a educação ambiental como um dispositivo que se tornou emergente neste tempo contemporâneo, uma vez que ocupa na sociedade diversos setores, tais como: o escolar, o industrial, o comercial, o midiático, o científico, o filosófico, o moral etc. E, através desses diferentes setores, este campo de saber vem disseminando seus discursos.

É possível concluir, portanto, que através dos discursos aqui analisados, entende-se que as práticas, independentemente de serem discursivas ou não, vêm contribuindo para a construção de uma rede heterogênea que estabelece um dispositivo. E os discursos relacionados à temática ambiental fazem parte dessa rede que engloba o dispositivo da educação ambiental; dessa forma, é nessa rede que se instauram as verdades que irão constituir, atravessar e capturar os sujeitos.

A partir dessa discussão é que questionei como os discursos vêm nos constituindo, preocupando-nos ao ponto de colocar toda uma população em alerta para questões ambientais. É essa prática que nos torna passíveis de sermos controlados e controlarmos ao mesmo tempo. Assim, os discursos midiáticos, que alcançam um público cada vez maior, servem como propagadores de sujeitos preocupados com a sustentabilidade do planeta, o que faz da mídia uma propagadora potente de discursos, auxiliando na composição do dispositivo da educação ambiental.

Diante disso, além de analisar alguns dos discursos de *Wall.E*, fui sendo interpelada a problematizar, também, alguns dos discursos da mídia condizentes com questões ambientais que são discutidas atualmente.

Pensando na educação ambiental como um dispositivo, percebo como seus discursos ganham espaço diante dos acontecimentos históricos que vivenciamos em tempos de crise ambiental, acontecimentos esses condizentes com os discursos referentes ao lixo e ao consumo, muito evidenciados na animação. Assim, direcionei meus estudos ao que o sociólogo polonês Zymunt Bauman denominou por

modernidade líquida, um tempo líquido, fluído, escorregadio, em que nada está fixo e preso, referindo-se a uma época em que os sujeito são seduzidos ao consumo exacerbado, incontrolável, criando assim uma sociedade de consumo, que se adapta aos preceitos da cultura do consumo, na qual não podemos negar que estamos todos inseridos. Uma sociedade que, no momento sagrado do ato de consumir, não consegue pensar nas questões referentes ao lixo produzido por tal atitude. Assim, acabamos não levando em consideração que o lixo já é considerado uma das grandes crises sociais e ambientais que estamos testemunhando. Prova disso são as grandes enchentes noticiadas no período de dezembro/2010 a janeiro/2011 na região sudeste do Brasil. No meio de tanta lama, é possível perceber pilhas e pilhas de lixos. Não seria aqui interessante pensar o quanto a natureza e os efeitos da La Niña seguem protagonistas de uma tragédia? Minha intenção versa sobre as problematizações referentes a esses temas que nos levem a pensar sobre as condições de possibilidades que fazem do lixo e do consumo assuntos tão polêmicos e emergentes. Assim penso que *Wall.E* se tornou um potente propulsor de discursos que remete a pensar nas possíveis conseqüências caso não se destine a atenção aos problemas ambientais que tanto vêm se tornando emergentes hoje.

E, assim, fui direcionando meu olhar para o que Guattari (1991) denominou por ecosofia, na tentativa de analisar a educação ambiental sob os aspectos mentais, sociais e ambientais. Essa ecosofia que faz emergir novas maneiras de ser e estar no mundo e como uma nova possibilidade de pensarmos numa maneira de viver em sociedade. A partir desses estudos, somos levados a pensar na educação ambiental como um campo que ultrapassa questões referentes ao aquecimento global, à devastação, à poluição; esse campo diz respeito também às questões da fome, da miséria e etc. Sendo assim, com a articulação da ecologia com a filosofia, o autor propõe pensarmos a problemática ambiental. As leituras de Guattari (1991, 2006) me possibilitaram pensar na educação ambiental não apenas como um movimento ambientalista, mas pensar a ecologia como uma questão política que visa à continuidade do planeta. Isso é o que Guattari sugere quando propõe uma reinvenção de modos de vida considerando questões sociais, mentais e ambientais. Assim, penso que essa proposição do filósofo vale para pensar nas pequenas

atitudes que estão ao nosso alcance e que podem colaborar para uma maior qualidade de vida planetária.

Ressalto que em hipótese nenhuma estou colocando em prova todo o meu percurso dentro da educação ambiental, não me desfaço de tudo o que aprendi. O que faço é no sentido de colocar outros questionamentos na minha trajetória dentro desse campo de saber. Entendo, hoje, a partir das leituras realizadas, e embrenhada pelo referencial estudado, que somos, cada um de nós, sujeitos assujeitados aos discursos instaurados como verdadeiros em nossa sociedade.

Então *Wall.E*, protagonista deste trabalho, assumiu o papel de problematizar, atraindo a atenção para as relações que estão sendo construídas na atualidade perante a nós mesmos, aos outros, à sociedade, ao ambiente e em toda e qualquer relação na qual estamos todos inseridos.

Por fim, não poderia deixar de ressaltar a importância ao escolher Foucault como autor que conduziu grande parte da trajetória aqui traçada. Neste momento, afirmo que ao lançar-me na escrita deste trabalho fui desestabilizada, transformando meu pensamento e minhas palavras, pois é isso que acontece quando se conhece o autor. “Verdades” foram postas à prova. Muito do que entendia sobre educação ambiental foi aos poucos sendo desconstruído. Aos poucos, descobri um outro olhar, percebendo na educação ambiental outras possibilidades de se pensar o mundo contemporâneo, o qual tanto nos preocupa preservar.

Nesse sentido, sem saber aonde chegaria e nem como chegaria, fui lançada ao desafio de conhecer as ideias desse filósofo francês. E, assim, Foucault foi me ensinando que o importante é a trajetória que escolhemos traçar. Ela vem acompanhada por inúmeras incertezas, dúvidas, angústias, para que com elas possamos aprender. Aprendi que não interessa o final do percurso, pois ele é apenas indicativo de um encerramento. O que importa – como bem retrata a epígrafe desta dissertação – é a maneira como fui sendo reinventada durante o período em que me dediquei à escrita desse trabalho. E nada mais!

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. Amor Líquido. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. Vida para o Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. A arte da Vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacional – Meio Ambiente.* Brasília, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2010.

DELEUZE, Gilles.. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro. Graal, 2000.

DIAS, Genebaldo Freire. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Editora Gaia, 2004.

DUARTE, Rosália. *Cinema e Educação***.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ELLSWORTH, Elizabeth*. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.* SILVA. Tomaz Tadeu da (org). *Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

Fabris Eli Henn. *Hollywood e a produção de sentidos sobre o estudante.* In: Costa M.V. *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *O estatuto pedagógico da mídia*. Porto Alegre: *Educação e Realidade*, v.22, nº 2, 1997.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 32ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. *O sujeito e o poder.* In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Em defesa da Sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. Verdade, Poder e Si Mesmo. In.: _____. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Gerir os ilegalismos. In.: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006a.

_____. *Microfísica do Poder.* Rio de Janeiro: Graal, 2008.

_____. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. Nascimento da Biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

_____. *A ordem do discurso*. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*.19ª Ed. São Paulo: Graal, 2009a.

GADELHAR, Sílvio. *Biopolítica, governamentalidade e educação: Introdução e conexões, a partir de Michel Foucualt.* Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

GREENPEACE. <http://www.greenpeace.org.br/maespeloclima/>. Acessado em 24 de novembro de 2009.

GUATARRI, Felix. *As Três ecologias*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. Caosmose: um novo paradigma estético. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

HENNING, Paula Corrêa; RATTO, Cléber Gibbon e GARRÉ, Bárbara Hees. Educação Ambiental, Mídia e Biopoder. In.: *33ª Reunião Anual da ANPED. Educação no Brasil: o balanço de uma década*. Caxambu, MG, 2010.

IBAMA.<http://www.pickau.org.br/panorama/2009/2009.04.03/ibama_lanca_campanha>. Acessado em 10 de agosto de 2009, às 18h.

LOURO, Guacira Lopes. *O cinema como pedagogia.* In. LOPES, Eliane M.T.; FARIA FILHO. Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Authêntica, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. VEIGA-NETO, Alfredo(org). *Figuras de Foucault.* Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

REIS, Joari. *Breve história do cinema*. Pelotas: Educat, 1995.

SANT´ANNA, Armando. *Propaganda: teoria, técnica e prática***.** São Paulo: Pioneira. 1998.

SENELLART, Michel. Situação dos Cursos. In.: FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

SILVA, Tomaz Tadeu. As pedagogias psi e o governo do eu. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu.* Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WWF.<http://www.wwf.org.br/informacoes/sala_de_imprensa/hora_do_planeta>. Acessado em 09 de setembro de 2009 às 13h.

Referência Fílmica

STANTON, Andre. *Wall.E*. Estados Unidos, 2008.

.

ANEXO A – DVD DA ANIMAÇÃO WALL.E

ANEXO B – SINOPSE E FICHA TÉCNICA DO FILME WALL.E

O aclamado diretor de Procurando Nemo e os criadores de Carros e Ratatouile transportam você para uma galáxia não muito distante dessa aventura interplanetária sobre um robô muito determinado chamado WALL.E. Depois de milhares de solitários anos fazendo o que ele foi construído para fazer, o curioso e adorável WALL.E encontra uma nova razão para viver quando conhece uma robô de busca de alto design chamada EVA. Junta-se ao casal e ao divertido elenco de personagens nessa fantástica viagem pelo Universo. Venha para esse fascinante novo mundo com a mais recente aventura da Disney/Pixar, agora, ainda mais emocionante.

FICHA TÉCNICA – WALL.E

Diretor: *Andrew Stanton.*

Produção: *Jim Morris e John Lasseter.*

Roteiro: *Andrew Stanton, Peter Docter, Jim Reardon.*

Elenco: *Ben Burtt, Elissa Knight, Sigourney Weaver, Jeff Garlin, Fred Willard, John Ratzenberger e Kathy Najimy.*

Edição: *Stephen Schaffer*.

Música: *Thomas Newman e Peter Gabriel*.

Distribuição: *Walt Disney Pictures.*

Gênero: *animação, aventura, comédia, ficção científica.*

Estréia: *junho de 2008.*

Concorreu ao Oscar/2009 nas categorias: *Melhor longa de animação, melhor roteiro original, melhor mixagem de som, melhor edição de som, melhor trilha sonora e melhor canção.*

Ganhador do Oscar/2009 na Categoria: *Melhor longa de animação.*

ANEXO C – DIÁRIO POPULAR – CAPA E CONTRACAPA QUE ILUSTRA O ECOSSISTEMA SUSTENTÁVEL

DIÁRIO POPULAR

R$ 1,50 | ANO 120 | 1890-2010 | Nº 361 | SEXTA-FEIRA | 27 DE AGOSTO DE 2010 | PELOTAS, RS | WWW.DIARIOPOPULAR.COM.BR

120 anos

Em nome da sustentabilidade

Em caderno especial, Jornal assume o compromisso de estimular o debate sobre o desenvolvimento sustentável

Previsão do tempo

Hoje

21°C

13°C

Foto do leitor

Açude do Rio Grande

DIÁRIO POPULAR

PELOTAS, RS

SEXTA-FEIRA, 27 DE AGOSTO DE 2010

Sumário

Faça já sua assinatura: 3284-7080

POLÍTICA

Tarso Genro fala em governo itinerante e faz críticas a Yeda

Em entrevista ao Pública 238, da RU, prefeita aborda pontos do programa de gestão

Página 15

AGRONEGÓCIO

Produtores de outras regiões migram para o extremo sul

Em Arroio Grande, agricultores da Metade Norte encontraram a terra ideal para trabalhar

Páginas 2 e 3

TRÂNSITO

Duas pessoas morrem em um acidente ocorrido na BR-392

O médico Roberto do Santos, 26, e o advogado Rossano Rodrigues, 27, não resistiram à colisão

Página 20

Leia Hoje

Pion estuda o rock de Liverpool

A beatlemania toma conta do João Gilberto hoje à noite com a apresentação do The Beatles

ANEXO D – CADERNO PENSE BEM – DIÁRIO POPULAR

PenseBem

DIÁRIO POPULAR, 29 DE AGOSTO DE 2010

Técnicas aprimoradas no campo

Apoiada pela Embrapa, a família Scheer aprendeu a utilizar casca de árvore e soro de leite ao invés de agrotóxicos **Página 7**

Iniciativa

Com as tiras de garrafas pet, o passatempo virou negócio

Auxiliar de enfermagem dá nova função ao lixo ao aproveitar material plástico como forro para cadeiras de praia; o que antes era hobby hoje se transformou em fonte de renda **Página 5**

Como funciona o primeiro edifício verde de Pelotas

Habitado desde janeiro deste ano, condomínio Green Park garante economia com o uso de tecnologias limpas **Página 3**

Pneu usado vai pro asfalto e relógio agora é feito de papel

Em trecho da BR-116, material ecologicamente correto é testado; na Itália, empresa desenvolve acessório biodegradável **Página 2**

Bactéria encontrada na lama pode produzir energia elétrica

Pesquisa desenvolvida em Rio Grande mostra que é possível aproveitar sedimentos oriundos da dragagem do porto **Página 6**